

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (*Per*)cursos da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

CLÁUDIA RODRIGUES PEREIRA ROQUE

***UBERLÂNDIA – 1977/1988:
As Contradições da
Modernidade***

1641^{2.º exs.}
S. 9
(C)

Uberlândia, Setembro de 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

~~274~~

Cláudia Rodrigues Pereira Roque

***UBERLÂNDIA – 1977/1988:
As Contradições da
Modernidade***

***Monografia exigida como
requisito para conclusão
do curso Bacharelado em
História, pela
Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação
da prof^a Dr^a Heloísa
Helena Pacheco Cardoso.***

Uberlândia, Setembro de 1998

Banca Examinadora

H. Pacheco Cardoso

**Prof^a Dr.^a. Heloisa Helena Pacheco Cardoso
- ORIENTADORA -**

Prof^a Dr.^a. Jane de Fátima Silva Rodrigues

Prof^o Dr. Paulo Roberto de Almeida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
 CAPÍTULO I	
1 - Imagens e Projetos - Uberlândia: 1977/1988	09
1.2 - A proposta futurista do administrador Virgílio Galassi	09
1.2 - A "Democracia Participativa" do governo Zaire Rezende	17
 CAPÍTULO II	
2 - Os empresários e as propostas de governo	33
 CAPÍTULO III	
3 - A cidade e seus problemas	47
3.1 - Questões urbanas da cidade "cidade maravilhosa"	47
3.2 - Ideologia do trabalho e higienização	59
 Considerações Finais	63
 Anexo I	67
 Fontes	68
 Bibliografia	69

INTRODUÇÃO

Uberlândia é considerada, desde os anos 70, o principal pólo de desenvolvimento do Brasil Central, irradiando sua influência sócio-econômica entre as regiões Centro-Sul, Centro-Oeste e Norte do País. Esse desenvolvimento foi alicerçado em trabalhadores oriundos de todas as partes do Brasil em busca de melhores condições de trabalho, que viveram aqui as contradições inerentes à opção econômica e social definida pela elite burguesa dominante.

O início desta história remonta aos fins do século XVII, quando à procura de ouro e prata, Anhanguera abriu caminhos sertão adentro da Capitania de Minas Gerais, em direção a Goiás e Mato Grosso. Inúmeras outras bandeiras seguiram o mesmo caminho aberto por Anhanguera, mas foi somente no princípio do século XIX que, à margem daquela estrada – a Estrada Real – os primeiros núcleos de povoamento surgiram: Desemboque, Sacramento e Uberaba.

Em meados de 1830, às margens férteis do rio Uberabinha, foram se assentando as primeiras famílias, que desenvolveram ali atividades econômicas e, aos poucos, foram formando o povoado dos Carrejos, no antigo Sertão da Farinha Podre. Nele se inseriam as fazendas Olhos D'água, Lage, Tenda e Maribondo.

“Da criação do Distrito de São Pedro do Uberabinha em 1852, à sua elevação a condição de vila e município em 1888 e à categoria de cidade em 1892, o pequeno arraial, que já em 1890 contava com 11.856 habitantes e 77 estabelecimentos comerciais, progrediu vertiginosamente.

Uberlândia, sendo um ponto geográfico estratégico que liga São Paulo a Goiás e a Mato Grosso, conheceu um rápido progresso a partir da chegada da Estrada de Ferro Mogiana, em 1895, ligando São Paulo ao Triângulo Mineiro, da construção da ponte Afonso

Pena, em 1910, integrando a região do Triângulo Mineiro ao sul goiano e, finalmente, a implantação da Rede Mineira de Viação Intermunicipal, em 1912, em direção a Ituiutaba e cidades paulista da fronteira”¹.

Hoje, em fins do século XX, se olharmos para Uberlândia, tanto os que aqui moram, como aqueles que a visitam ou passam a trabalho, constatam uma cidade moderna, “um franco progresso sem igual”, se a compararmos às demais cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e até mesmo a outras cidades de Minas.

Desde os seus primórdios, Uberlândia, através do discurso e da ação do governo municipal, associado aos interesses da burguesia local, teve como meta alcançar um desenvolvimento, que a igualasse às grandes cidades do capitalismo desenvolvido, capaz de transformá-la em pólo de desenvolvimento nacional. E para a efetivação deste projeto de desenvolvimento em Uberlândia, seus representantes políticos e seus empresários utilizaram, e utilizam, como meios de propagação de seus ideais, procurando transformá-los em vontade geral, a tríade Política, Polícia e Imprensa. Um trio perfeito para aqueles que desejavam manter “ordem e disciplina”, através de um contexto ideológico moralista, almejando a “uniformidade” de pensamento das pessoas. Com isto, buscava-se o apoio “total” da sociedade, em prol do progresso do município. A política, a imprensa e a polícia uniram-se para a construção e formação dessa ideologia de princípios burgueses. A primeira é constituída pelas autoridades governamentais, com participação das associações patronais, compostas por empresários industriais, comerciantes e fazendeiros, que controlavam, e controlam, a política e as finanças da cidade. A segunda, a polícia, através da Delegacia e da unidade do Exército, procurava manter a “ordem e o progresso”, encarregando-se daqueles que não se “enquadrassem” na sociedade, tentando resolver os problemas da “vadiagem” e do roubo. Por último, a imprensa, por não contribuir na formação de pensamentos críticos, alienava a sociedade local, divulgando apenas os princípios políticos e as benfeitorias realizadas pelas administrações municipais. Assim, a imprensa se transforma em uma importante aliada, na medida que não discute publicamente, de forma crítica, o significado e a importância das obras realizadas,

¹ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. “Nas Sendas do Progresso: Trabalho e Disciplina. Uberlândia, um percurso histórico”. In: **Cadernos de História Especial**. Uberlândia, nº 4, jan 1993, p.10.

principalmente quanto aos seus efeitos sociais. Desta forma, constrói-se todo um arsenal de articulações em torno do crescimento de uma cidade e de seu desenvolvimento.

As administrações municipais, nos últimos anos, traçaram seus projetos, definiram os rumos a serem seguidos pela cidade, procurando incutir nela conceitos voltados para a necessidade do desenvolvimento como sinônimo de melhores condições de vida e de trabalho. Em nome do progresso e da modernidade inúmeras foram as “realizações” feitas no período de 1977/1988, caracterizando o “desenvolvimento” do município de Uberlândia e retratando-o nos diversos setores sociais: educação, serviços públicos, comércio, saúde, cultura, lazer e outros. Esse período corresponde às administrações dos prefeitos Virgílio Galassi e Zaire Rezende, que, aparentemente, assumiram o governo municipal com propostas diferentes de administração, conhecidas, respectivamente, como a fase "paternalista" e pela "Democracia Participativa".

No desenvolvimento deste trabalho monográfico, procura-se destacar, como se deu a construção de uma ideologia a partir das relações criadas entre o poder público e a sociedade. Caracterizando-se em uma política “aberta”, respaldada na confiança, entre poder público e sociedade, que muito se assemelha com o vínculo empregador e empregado, “Paternalismo” e “Democracia Participativa” foram se mesclando na condução da política municipal dos anos 70 e 80.

O trabalho está estruturado em três capítulos, onde no primeiro, procurou-se demonstrar a construção das imagens da cidade e as realizações dos governos em estudo, contrapondo o campo concreto das realizações às formulações abstratas do discurso. No segundo capítulo é resgatada a contribuição da classe empresarial para alcançar os objetivos traçados, destacando a importância dessa categoria social para o desenvolvimento e a promoção do crescimento do município, bem como, para a formação da ideologia de uma sociedade sem conflitos.

Por fim, o terceiro capítulo analisa a contradição entre a imagem constituída pelo discurso e a realidade concreta, enfatizando a ocorrência de lacunas existentes entre as realizações e o discurso. As manobras e artimanhas dos administradores não conseguiram camuflar tais lacunas, que sistematicamente vão sendo vislumbradas, principalmente com o agravamento da situação econômica do país nos anos 80. A crise dificulta, às autoridades locais, alternativas para “suprimir” as deficiências sociais existentes, visto que os cofres públicos municipais também foram afetados por ela, favorecendo a eclosão dos problemas.

Em suma, destaca o quanto o ideário burguês estava, e continua, presente na formação ideológica da sociedade local, bem como esta presença marcante não consegue estagnar as contradições decorrentes da modernidade.

A documentação que apoia esta monografia foi levantada, principalmente, no Arquivo Público Municipal e no Centro de Pesquisa e Documentação em História, da Universidade Federal de Uberlândia: Compreende revistas, folhetos, publicações da Prefeitura Municipal e jornais. Desses, sobretudo o Correio de Uberlândia foi fundamental para a recuperação do período 1977/1988, porque sua série completa possibilita ao pesquisador ir acompanhando o ir e vir da política municipal, na ótica dos grupos dirigentes.

CAPÍTULO I

IMAGENS E PROJETOS - UBERLÂNDIA: 1977/1988

1.1 - A proposta futurista do administrador Virgílio Galassi

Os anos 70, em Uberlândia, foram marcados pela administração Virgílio Galassi, que governou o município por dois mandatos. No primeiro, um governo de dois anos, em 1971-72, e o segundo por um período de seis anos, em decorrência de mudanças na legislação eleitoral.

Virgílio Galassi, em sua administração de 1977/1982, foi considerado, pela imprensa local, como um homem dinâmico, entusiasta, e, acima de tudo, um homem à frente de seu século, com pensamentos e obras que o promoviam à categoria de prefeito futurista, capaz de elevar Uberlândia à condição de metrópole e ponte de emergência de toda a economia regional.

E ele o fez com a cumplicidade de todos, na medida em que transformou seu discurso em vontade geral; ou seja, nele, governo e população estariam empenhados em fazer de Uberlândia uma cidade dinâmica, capaz de fluir, não apenas o seu próprio desenvolvimento, como também o de toda a região, na medida em que o discurso procurava transformá-la em pólo regional. Nas palavras do próprio prefeito:

“Esta cidade se orgulha de seus filhos. Eles estão transformando-a na grande metrópole do Brasil Central, pólo inegável de riquezas e desenvolvimento (...). E onde quer que estejam exercendo as mais humildes, ou importantes funções, são lídimos representantes da vontade férrea de vencer, que é o ensinamento básico dos que aqui

nasceram. Distantes embora, apregoam sempre com justificado orgulho, que são filhos de Uberlândia”².

Uberlândia seria como um oásis em meio à crise brasileira, caracterizada pelo desemprego, baixos salários, inflação alta, entre outros sintomas do contexto econômico-social caótico em que se encontrava o Brasil naquele momento. Em reforço à construção idealizada, desta “cidade maravilhosa”, Ângelo Cunha (Presidente da Câmara Municipal em 1981) trata Uberlândia como uma região aprazível. No que diz respeito à questão do desemprego na cidade, ele se apodera dos números do SINE (Núcleo Micro Regional de Emprego) e afirma:

“o índice de desemprego a nível nacional atinge um total de 6,5% e Uberlândia está dentro deste índice. E mais, não há crise na cidade. Só mesmo os falsos profetas e derrotistas podem admitir tal situação por desconhecerem por completo, o espírito de trabalho dos uberlandenses. Não há dispensa, não há desvalorização de terrenos, não há falta de empregos na cidade. Para quem quer trabalhar e viver bem, Uberlândia continua abrindo suas portas”³.

O discurso estrategista colocava a cidade, geograficamente situada na região do Triângulo Mineiro, como pólo de desenvolvimento desta área de Minas. Nela, Uberlândia vinha se despontando nos últimos anos como uma das mais importante e promissora cidade do Estado e até mesmo do País, alicerçada em uma boa infra-estrutura, assim como no seu nível sócio-econômico superior à da grande maioria das cidades de Minas e do Brasil. Foi através da associação entre prefeitura, empresários, fazendeiros, lojistas, população e demais seguimentos sociais, que Uberlândia atingiu a posição de “*polo de desenvolvimento do Brasil Central, irradiando sua influência sócio-econômica por uma área de mais de 10.000.000 quilômetros quadrados, integrando as regiões Centro-Sul, Centro-Oeste e Norte do País*”⁴. Como cidade que prosperava, moderna e progressista, ela passava a ser exemplo em todos os setores: educação, saúde, desenvolvimento, moradia, cultura e outros.

Na consolidação deste discurso, Virgílio Galassi procurou demonstrar a existência de uma cidade harmônica, que cultuava valores morais, progressistas e era aberta à todos,

² “Uma Saudação Agradecida”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09/05/1980, p.7.

³ “Uberlândia sem desemprego e sem crise”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07/04/1981, p.01.

⁴ “Uberlândia – acelerada em 1982”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 06/01/1982, p.12.

onde caminhavam juntos governo e povo rumo ao próximo milênio, na busca de um progresso sem igual, comparável ao das grandes cidades do mundo capitalista desenvolvido.

Em pesquisa realizada em jornais, no período 1977/1988, um aspecto que chama atenção é a glorificação das obras que consolidaram o governo Virgílio Galassi. Projetos faraônicos que, não deixando de ser alvo de críticas, foram muito mais elogiados pela sua grandeza, como feitos de uma administração cujas obras nos faziam sonhar com progresso, com a possibilidade de crescer e viver em um mundo diferente, de construir um futuro melhor. Um futuro grandioso, numa cidade maravilhosa.

Este poder de persuasão levou o político Virgílio Galassi à frente da administração do município de Uberlândia por dois pleitos (1971/1972 e 1977/1982). O discurso desenvolvimentista e progressista, que acenava com a realização de grandes obras, todas no sentido de propagar e elevar o crescimento e o reconhecimento da cidade de Uberlândia em âmbito nacional, constituiu o eixo de sua campanha eleitoral. A sua eleição para esses dois mandatos indicam que essa proposta encontrou ressonância junto aos eleitores, para os quais as possibilidades de melhoria das condições de vida poderiam se concretizar com a proposta modernizante anunciada como programa de governo municipal.

Inúmeras foram suas realizações, mas algumas marcaram mais a sua administração. Foram construídos vários conjuntos habitacionais, como o de Santa Rosa II e Luizote de Freitas, tendo como objetivo, segundo o secretário geral do BNH, o atendimento à população de menor renda, através da erradicação de sub-moradias em Uberlândia.⁵ Em relação ao conjunto Luizote de Freitas, ele foi *“classificado como o mais moderno e bem planejado em todo o Brasil, mais humano e mais funcional contendo: 1.854 casas, 4 grupos escolares e 4 centros comerciais com um total de área construída de 72.977 metros quadrados”*.⁶

⁵ O Secretário Geral do BNH, Paulo Gaetani, num telegrama enviado ao Prefeito Virgílio Galassi, mencionou acerca da aprovação de financiamento da casa própria através de recursos oriundos da C.E.F (Caixa Econômica Federal), para a construção de 749 unidades habitacionais no conjunto Santa Rosa II em Uberlândia. E atesta, “sua satisfação em poder colaborar com o programa experimental de deslocamento da população de menor renda. Estas casas vão se destinar, principalmente, a erradicação de sub-moradias em nossa cidade”.

“749 casas para o conjunto Santa Rosa II”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09/01/1980, p.08.

⁶ “Ministério do Interior e Governador de Minas inauguram hoje o mais bem planejado Conjunto Habitacional”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 11/07/1980, p.01.

Ver anexo I.

No entanto, a distância que separava o discurso da realidade objetiva pode ser muito bem visto nesse caso. Assim, por mais que estas casas representassem o sonho de muitas famílias, pode-se considerá-las também como grandes pesadelos, no momento que os propensos moradores se deparavam com casas minúsculas, incapazes de abrigar confortavelmente todos os membros da família, não fugindo, portanto, da realidade na qual estavam habituados. Para muitos, o sonho da casa própria, mesmo apertada, não durou muito, pois as prestações que, no princípio, eram baixas, foram gradativamente se elevando, tornando cada vez mais difícil para os mutuários suportarem as pressões no seu orçamento familiar. Entretanto, há de se considerar que, fatores alheios ao município foram tratados como os grandes vilões, responsáveis pelo agravamento da situação em referência. Porém, se o descontrole da economia nacional podia, por um lado, justificar essa situação, por outro, o município nada fez para ajudar os moradores em dificuldade e, supostamente, a Prefeitura deveria ter agido no sentido de apoiar as famílias que lá residiam, pois tratava-se de uma obra cujo objetivo era dar moradia àqueles que não a possuíam.

Contudo, há que se considerar que os poderes municipais não agem nesta direção, pela ausência de empenho político, ou pelo óbvio, isto é, a alegada falta de recursos financeiros, visto que o país se encontrava mergulhado numa profunda crise de escassez de recursos e descontrole da economia. Isto justificava a falta de comprometimento do governo municipal em relação a população que trabalhava, mas continuava à margem da sociedade, sem poder morar com dignidade, e, às vezes, nem mesmo possuir as condições básicas de sobrevivência, isto é, exercer e viver com cidadania. Os conjuntos habitacionais, em sua maioria, serviram para amenizar o sofrimento de algumas famílias, mas não melhoraram de forma significativa suas condições de vidas. Em sentido mais amplo, tornou-se impossível construir um espaço privado nas residências, onde todos dormiam no mesmo quarto, até mesmo empilhados num único colchão. Ter casa não é apenas ter teto, e sim um local onde todos possam desenvolver seu papel social, como mães, pais, filhos, avós. Só que, em um sistema capitalista marcado pela heterogeneidade social, onde a acumulação favorece determinadas camadas sociais e coloca outras na simples condição de

sobrevivência ou na marginalidade, a questão da moradia vem apenas confirmar a desigualdade como característica inerente a ele.⁷

A menina dos olhos no governo de Virgílio Galassi neste período, foi o Parque do Sabiá, e o Estádio Municipal que o complementa (hoje denominado Estádio Municipal João Havelange, ex-presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA)). Foram estes os principais marcos do administrador Virgílio Galassi, consagrando-o como símbolo de arrojo, de coragem, de dedicação e, acima de tudo, de sua visão futurista de administração.

O Estádio Municipal tornou-se manchete nacional desde o momento em que se cogitou da possibilidade da sua construção. Com uma área de 62.500 m², o estádio apresentava as seguintes características:

Capacidade 75.000 lugares, sendo:

- Arquibancada 70.158
- Cadeira cativa 4.078
- Cadeira Numeradas 660
- Tribunas de Honra 104

Dimensões do Campo 75,0 x 110,0 m

Tipo do Gramado Bermuda Grass (Americana)

Área de Estacionamento 3.000 veículos

Para os virgilianos, os simpatizantes, e outros, do então governo municipal, a idéia de se fazer um estádio de futebol era na verdade um sonho, uma realidade que se concretizaria no futuro, quem sabe no ano 2.000? Foi, sem sombra de dúvida, uma extraordinária construção, reconhecida no meio futebolístico uberlandense. Como diz o comentarista esportivo Camargo Neto:

*“esta obra monumental ... vai por si só, se tornar num grande cartão de visitas de Uberlândia. Uma obra cara e oportuna. Só que o grande Estádio para se justificar terá que ser bem utilizado. Daí surge um problema: o Uberlândia Esporte Clube sozinho é pouco”*⁸.

⁷ CARVALHO, Carlos Henrique de. “A Crise urbana no modelo de desenvolvimento brasileiro: o papel dos seus agentes sociais (1950-1990)”. *Anais. XI Encontro Regional de História: História e exclusão social*. UDI/ANPUH-MG, p.275-6.

⁸ “O Grande Estádio”. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 03/04/1980, p.05.

O Estádio representou não só um dos cartões postais da cidade, mas possibilitou a divulgação do nome de Uberlândia em níveis nacionais e mundiais, seja por meio de jogos entre clubes, bem como de jogos da seleção brasileira, como ocorreu já na sua inauguração em 27/05/1982, quando a Seleção Brasileira, em seu último jogo preparatório para a Copa do Mundo, enfrentou a fraca Seleção da Irlanda do Sul, aplicando uma significativa goleada de 7x0. Os gols foram marcados por Falcão (1), Sócrates (2), Serginho (2), Luisinho (1) e Zico (1), cuja arrecadação alcançou a cifra de Cr\$ 43.408.200,00, com um público pagante de 72.533 espectadores. Neste jogo, o Brasil entrou em campo com Valdir Peres no gol, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Falcão, Sócrates, Zico, Paulo Izidoro, Careca e Éder Aleixo. Entraram no decorrer da partida Paulo Sérgio, Edinho, Toninho Cerezo, Serginho e Dirceu, em substituição a Valdir Peres, Luisinho, Paulo Izidoro, Careca e Éder respectivamente. A seleção tinha como treinador o consagrado Telê Santana. A Seleção da Irlanda do Sul, treinada por Trevo Endersem iniciou a partida com Mc Donagh, Deacy, Martin, Anderson e Walsh, Brady, Gralish e O’Driscoll, Dealy, Kevin Callaghan, Brondon Callaghan. Esteve no apito o então árbitro Romualdo Arpi Filho, com Luiz Carlos Félix e José Roberto Raigh como auxiliares.⁹

Se, de um lado, o Estádio foi um cartão-postal, de outro, constituiu-se em um “elefante branco”. Verbas que poderiam ser destinadas a investimentos sociais e melhorias na infra-estrutura (saneamento básico, esgoto, água, luz, moradias, educação etc.), em busca de uma melhor qualidade de vida para a população, foram canalizadas para a construção de um sonho, para a realização de uma obra de amplitude e elevados custos, porém de baixo valor social, mas que servia para colocar em prática o seu discurso e consolidar a sua forma arrojada de governar, voltada para o futuro. Ter um estádio nessas proporções era possibilitar que o futebol de Uberlândia fosse tão representativo como o era a cidade: *“Uberlândia ganha também um estádio de futebol à altura de sua pujança e grandeza no contexto desenvolvimentista como cidade-pólo da região”*¹⁰.

⁹ “Irlanda não resistiu ao poderio ofensivo brasileiro e foi goleada”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/05/1982, p.06.

Ver Anexo I.

¹⁰ “Estádio Municipal, uma obra que justifica inauguração festiva”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 30/03/1982, p.07.

A área de lazer e entretenimento do Centro Polí Esportivo Parque do Sabiá, um dos maiores da região, foi elaborado em consideração ao trabalhador “*anônimo construtor do progresso*”¹¹, àquele que trabalha, mas não tem condições financeiras de se associar aos tradicionais clubes da cidade. Á ele um recanto de uma vasta área, no bairro Tibery, construída com piscinas, campos de futebol, quadras para esporte especializado, vários lagos para prática da pesca e bosque natural, com churrasqueiras, para uso daqueles que lá compareceriam. Foi construído também o recanto dos truqueiros e outras obras foram sendo realizadas ao longo do tempo. Buscar o lazer das camadas sociais menos favorecidas é levá-las a algum tipo de atividade nas horas livres, livrando-as da ociosidade e, até mesmo, de pensamentos críticos sobre a administração municipal e sua responsabilidade perante aquela população... E mais, deixava transparecer, através destas ações, a preocupação com um homem “vibrante e humano”, com a justiça social. Dentro da ótica do desenvolvimento, a justiça social se apresentava como a forma de participação de todos nos frutos do progresso.

Na área de viação, as Avenidas Getúlio Vargas, Rondon Pacheco, João Naves de Ávila¹² entre outras, marcaram a administração Virgílio Galassi, ligando um bairro ao outro, através destas enormes artérias que se tornaram alvos, ao mesmo tempo, de críticas e elogios. A Avenida Getúlio Vargas se justificou como uma obra imprescindível para o desenvolvimento urbano. Havia sido feito inúmeras promessas a respeito de sua pavimentação, em gestões anteriores, somente se tornando realidade na administração Virgílio Galassi, que mais uma vez deixava sua marca registrada de governar, por meio desta obra.

A Avenida Rondon Pacheco foi e é uma obra de grande importância na interligação de todos os bairros da cidade. É considerada a “espinha dorsal” da cidade. O prefeito, ao término de sua construção, ficou maravilhado com os resultados e comemorou realizando uma rodada de chope com todos os profissionais que ali haviam trabalhado: engenheiros, trabalhadores braçais e outros.

A Avenida João Naves de Ávila, assim como a construção e pavimentação das avenidas Rondon Pacheco e Getúlio Vargas, se encaixa como sendo uma obra grandiosa para Uberlândia, na medida que sua construção representava a descentralização do trânsito

¹¹ “Truque no Parque do Sabiá.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 29/01/1983, p.07.

¹² Ver Anexo I.

da Avenida Floriano Peixoto, desafogando o mesmo, tornando o acesso mais rápido para todos os veículos oriundos de “*São Paulo, Uberaba, Araxá, Patrocínio, Romaria e Monte Carmelo que se destinam ao centro da cidade*”¹³. A construção de grandes artérias asfaltadas é um dos grandes símbolos da modernidade. Teoricamente, um progresso cujos efeitos pertenceriam a todos inclusive, facilitando a locomoção da população da periferia para o centro. No entanto, é preciso analisar também o quanto esses, e outros empreendimentos similares, transformam-se em veículos de aumento da capacidade de acumulação das camadas dominantes, em proporção ao que significam em termos de uma maior participação das populações de baixa renda na distribuição da riqueza.

Sobretudo, foi através de suas obras que Virgílio Galassi se consagrou, nas suas duas administrações dos anos 70.¹⁴ Para muitos, relembrar os feitos é comprovar o quanto foi valioso esta vocação de buscar sempre estar ao lado do povo. Emanados por esta idéia, Virgílio Galassi “realizou muito pela saúde, pelo ensino, pela segurança, pelo emprego, pela melhoria das condições de vida do homem da cidade e do campo”. Enfim, ao construir pontes e viadutos, conjuntos habitacionais, pavimentações de ruas, modernização do trânsito, com a finalidade de atingir um espaço maior em todos os segmentos da sociedade uberlandense, se tornou um símbolo em busca da “modernidade” e de uma Uberlândia grandiosa, e, para muitos, superior a tudo e a todos. Em suma construiu-se um “mito”.

Nas eleições de 1982, o seu candidato teve uma votação insignificante, se considerarmos a expressão política do Prefeito Galassi. Parece que uma transferência automática de votos ao seu candidato não aconteceu, indicando-nos que o apoio ao administrador de alguma forma esteve personalizado. As eleições acusaram a vitória da oposição peemedebista, com Zaire Rezende, portador de uma proposta de governo conhecida como “Democracia Participativa”.

¹³ “Está em fase final a infra-estrutura da Avenida João Naves de Ávila”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 22/01/1981, p.01.

¹⁴ Virgílio Galassi esteve à frente da Prefeitura Municipal de Uberlândia, cumprindo mandato tampão no período de 1971/1972. Em 1977/1982 assume pela Segunda vez a prefeitura de Uberlândia. Em resposta as suas grandes obras, e a consolidação do discurso elitista burguês perante a sociedade e ao meio empresarial rumo a modernidade. Virgílio Galassi foi eleito para assumir a administração do município por mais duas vezes. Em 1989/1992 cumprindo assim o seu terceiro mandato e por fim em 1997 assume pela quarta vez a prefeitura de Uberlândia, cujo término do mandato ocorrerá no ano 2000.

1.2 - A "Democracia Participativa" do Governo Zaire Rezende

Zaire Rezende ao assumir a Prefeitura de Uberlândia, no período de 1983 a 1988, teve uma preocupação enicial em conhecer bem a casa onde governaria por um período de seis anos. Para ele, era importante saber o que havia em recursos humanos e materiais, bem como conhecer os projetos e trabalhos desenvolvidos em cada setor da administração. Para isto, visitou várias repartições públicas em companhia de auxiliares, locais como: *“o matadouro municipal, o cemitério, o terminal rodoviário, o almoxarifado, o mercado municipal e vários bairros para acompanhar o trabalho de limpeza e a recuperação de ruas através da operação tapa-buracos”*¹⁵. Este trabalho objetivava conhecer a realidade de cada segmento da Prefeitura, de forma que pudesse adequar a estrutura administrativa à realidade daquele momento e à sua proposta de governo ensejada na humanização. Uma vez que o seu projeto tinha como base a questão humana, nada mais justo, do que iniciar o processo de mudanças em direção a seus propósitos na própria casa, ou seja, possibilitando melhores condições tanto para o trabalhador como também para seus clientes.

Esta humanização baseava-se na "busca real e conscientizadora do homem", ponto central de sua administração, e buscava melhorias de vida para cada cidadão, dando ênfase àqueles menos favorecidos.

Zaire Rezende foi eleito pelo PMDB, com um número relevante de votos:

“Foi encerrada no começo da tarde de ontem, a apuração do pleito eleitoral de 15 de novembro que apontou esmagadora vitória do PMDB sobre o tradicional PDS, partido de situação e com bases sólidas no município. Os resultados foram:

Zaire Rezende (PMDB) 39.757 – candidato eleito

¹⁵ “Zaire quer conhecer primeiro a disponibilidade para depois começar a trabalhar”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 02/03/1983, p.06.

Renato de Freitas (PMDB)..... 21.025
José Pereira Espíndola (PDS) 15.463
Alceu Santos (PDS) 13.927
José Carneiro (PDS) 13.305
Aldorando D de Souza (PMDB) . 2.031
Ary de Souza (PT)

Segundo o Juiz Eleitoral, Sebastião Lintz, foram apurados 135.306 votos. A margem de votos nulos e em brancos, girou em torno de 20%, não se registrando impugnação e as 447 urnas foram totalmente apuradas”¹⁶

Esta vitória talvez possa ser explicada pela ênfase dada às pequenas obras, consideradas prioritárias, no lugar de grandes empreendimentos da gestão anterior. Esta preocupação colocava como objetivo principal de seu governo a questão social. Ao atender, com elas, uma população carente, construía-se o perfil de uma administração mais humana.

Um dos desejos anunciados por esta administração era a participação consciente da população no que diz respeito à administração pública, ou seja, tornar os cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres. Para Zaire Rezende, a dívida da administração municipal para com a população uberlandense era muito grande. Para reverter esta situação ele propôs exercer o seu mandato voltado para uma política sócio-cultural, com abertura aos movimentos populares, procurando obter, desta forma, o respaldo político da população, através de obras pequenas, com grande valor social. Essa administração se intitulou “Democracia Participativa”, porque pretendia, dentro do possível, ouvir e atender todo o conjunto da sociedade, onde estão incluídos os trabalhadores e os empresários, as associações comunitárias, as entidades sociais, a igreja, os produtores rurais, os estudantes, enfim, todos os seguimentos sociais.¹⁷

Foi através deste discurso social-democrata que Zaire Rezende ganhou a confiança da maioria da população, principalmente daqueles que almejavam melhorias que mudassem suas vidas cotidianas. Obras de pequeno porte foram propostas e concluídas no

¹⁶ “Números oficiosos das eleições que poderão ser confirmados pela justiça eleitoral.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 19/11/1982, p.01.

¹⁷ “Uberlândia cresce com sua gente.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 30/03/1984, p.06.

decorrer do seu mandato. Numa inauguração de uma obra no local denominado Córrego da Fazenda Velha - uma ponte de madeira - a população agradeceu a boa vontade do prefeito, e glorificou o seu mandato, pois segundo eles, era o primeiro prefeito que olhava para ela num período de 30 anos. O pedido para construção da ponte havia sido já feito ao prefeito anterior, Virgílio Galassi, sem resultados.

Durval Garcia, prefeito em exercício em junho de 1983, afirmou que: *“a administração não escolhe entre obras grandes ou pequenas, mas se preocupa em fazer as obras que o povo quer”*¹⁸. Este discurso, se por um lado significava a afirmação da democracia participativa, por outro fornecia indícios para sua avaliação como um discurso controlador e fixador de opiniões. Nesse sentido, fez-se necessário a construção de uma “falsa” democracia para a legitimação da estrutura do poder vigente, procurando consolidar a imagem de uma Uberlândia progressista, igualitária e humana, isto é, “aberta para todos”.

Este poder de construção da imagem foi constante durante todo o período, na busca da justificativa para esta nova forma de administrar a coisa pública. Nos 96 anos da cidade de Uberlândia, Zaire aproveitou as comemorações e mandou uma mensagem a todos os cidadãos: *“hoje o melhor presente que nossa cidade pode receber é a dedicação e o carinho de um trabalho em equipe, preocupado com a melhoria das condições de vida de nossa população. Parabéns Uberlândia. Parabéns a todos que acreditam no direito de escolher e construir o seu caminho”*¹⁹.

Trabalhar com o povo através das associações de bairro foi uma meta estabelecida pelo governo Zaire. Se olharmos sobre o ponto de vista da organização, isto em muito ajudou boa parte da população dos bairros periféricos. Através das associações, seus habitantes se organizaram e reivindicaram seus direitos. Mas pecou, no momento em que não deixou as associações de moradores caminharem sozinhas e que se utilizou das mesmas em campanhas eleitoreiras. Desta forma, foram se explicitando os limites dessa democracia, onde a participação ficava restrita aos contornos delimitados pelo poder público municipal:

¹⁸ “Para Martinésia Zaire já é o melhor Prefeito.” *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 15/06/ 1983, p.02.

¹⁹ “Parabéns Uberlândia 96 anos.” *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 31/08/1984, p.02.

“À diferença do populismo em que o mediador é de outra classe social, então verificava-se um fato novo, era o vizinho do lado quem fazia a ligação com as autoridades e deixava de ser visto e tratado como um igual. Aos poucos foi tornando-se um representante da Prefeitura que morava no bairro.

Antes o morador se dirigia diretamente à Prefeitura com um abaixo assinado ou procurava um vereador. Naquele momento ele ia à AM, mas esta era uma coisa exterior a ele, não era dele, não era uma entidade da qual ele fazia parte. As declarações do tipo “as AM’s somos todos nós, o que faz as AM’s são os moradores”, de fato não passavam de afirmações discursivas sem nenhum significado efetivo.

Em verdade esta estratégia foi muito bem aceita pela Administração Municipal e seu partido já que não lhes interessava nem a organização substantiva dos moradores nem sua autonomia efetiva: a relação estimada era de troca de serviços urbanos por votos. De maneira geral toda a política social da Administração Municipal visava sedimentar o apoio popular para eleições futuras”.²⁰

Zaire Rezende foi eleito a partir de um discurso humanista, voltado para o bem estar do “homem” em todos os seus aspectos: sociais, culturais, de lazer, de moradia, saúde e outros. Em decorrência desta proposta, inúmeros foram os benefícios proporcionados à população, principalmente as periféricas, onde a administração municipal mais investiu. Por ocasião da entrega de terrenos na sede da Associação dos Moradores dos Bairros Lagoinha e Leão XIII, no dia 06 de setembro de 1985, foi firmado compromisso entre moradores e administração municipal, através da Secretaria de Trabalho e Ação Social, com a entrega de 87 contratos de compromisso de compra e venda de lotes aos moradores do bairro Leão XIII. Segundo o coordenador da Divisão de Habitação da Secretaria de Ação Social, Marcus Bicalho, na área onde a prefeitura desenvolveu o loteamento já

²⁰ ALVARENGA, Nízia Maria. “Movimentos Populares, Democracia Participativa e Poder Local: Uberlândia 1983/88”. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia, nº 04, jan/jun, 1991, pp. 106-7.

residiam 18 famílias. A estas foram acrescentadas outras, pelo remanejamento voluntário de moradores do Córrego do Lagoinha e da favela da Avenida Rondon Pacheco:

*“O propósito era de legalizar e regulamentar todo o loteamento que era de posse da prefeitura, assim, os terrenos foram vendidos às famílias de baixa renda em dez prestações mensais de Cr\$ 10 mil; subsidiou-se o preço dos materiais de construção, para que todos pudessem construir sua unidade embrionária, ou seja, uma casa com dois cômodos, um banheiro e a infra-estrutura hidráulica”.*²¹

No discurso de entrega Zaire afirmou: *“todos os cidadãos tem o direito ao trabalho, à saúde e à moradia”*. Reforçou que, através das prioridades da sua administração, estava distribuindo de uma forma mais justa e igualitária as riquezas produzidas com o trabalho de todos os cidadãos. Alertou, também, *“ser uma obrigação do governo ajudar as pessoas a terem acesso a uma vida digna”*.²²

Tratar Uberlândia como uma cidade privilegiada foi comum tanto na administração Virgílio Galassi (1977 a 1982), quanto na de Zaire Rezende (1983 a 1988). Ambos apontavam para uma Uberlândia progressista, dinamizadora e que estava sempre em crescimento, fazendo crer que morar nesta cidade nada mais era do que um privilégio e que, para fazer jus a ele, era preciso trabalhar. Ou seja, mesmo com alguns entraves visíveis na retração econômica e na corrosão dos salários provocados pela inflação nos anos 80, a cidade de Uberlândia havia encontrado meios para superar obstáculos e manter o seu acelerado desenvolvimento em todos os setores econômicos e sociais.

O que distanciou as duas administrações foi a filosofia do governo Zaire, de trabalhar Uberlândia como um todo, construindo um desenvolvimento amplo, produzindo, assim, uma “igualdade social”, sem favorecer esta ou aquela parte. Construiu-se a imagem de um governo idealizador e “solidário”, que procurava “somar” todas as carências de um povo com o intuito de conduzir a cidade dentro de uma paz universal, onde ricos e pobres poderiam conviver em harmonia, onde a violência urbana se tornasse parte do passado. O caminho para concretização deste ideal era a distribuição de riquezas. Através dele, Uberlândia poderia se tornar mais bonita e humana, pois deixaria de ser vista apenas pelo

²¹ “Prefeitura regulariza posse de terrenos.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 10/09/1985, p.01.

²² - Idem., *ibidem*.

seu complexo comercial e na sua região central - cartão postal da cidade – e passaria a ser valorizada pelo conjunto, como um todo, isto porque a periferia não seria mais o reflexo do negativo, sintoma de decadência. Periferia e bairros se tornariam bastante desenvolvidos.

Para que Uberlândia se enquadrasse nesta filosofia de administração pública, onde o centro dos objetivos direcionavam-se para a priorização dos aspectos sociais, suas propostas e suas ações (obras) passaram a ser discutidas com a população. A Prefeitura Municipal se reestruturou internamente, de maneira moderna e eficiente de acordo com a “nova” proposta de governo :

“para isto criou algumas Secretarias, a Secretaria do Meio Ambiente, em dezembro de 1985 e implantada em fevereiro de 1986, tendo como principais objetivos a promoção do desenvolvimento social no seu aspecto ambiental e a elaboração e implantação de uma política ambiental que deverá garantir uma qualidade de vida mais adequada à população.

A Secretaria Municipal de Saúde, foi criada desde o primeiro instante da atual administração. Sendo seu objetivo o de atender da melhor forma possível, garantindo o direito aos serviços de atendimento médico e odontológico aos distritos e aos bairros da cidade desprovidos de recursos da saúde. Foi implantada também, a fiscalização sanitária de maneira séria e abrangente, obtendo assim, um grande avanço, demonstrado numericamente, no controle das doenças transmissíveis, da mortalidade infantil a partir do momento em que se investiu na assistência dada a gestante e à criança.

Em resposta a um compromisso assumido com a comunidade, a administração Zaire Rezende cria em fevereiro de 1984 a Secretaria de Cultura. O novo órgão tem então a responsabilidade de conhecer, preservar, divulgar e apoiar as manifestações culturais da cidade. Tendo em vista que Uberlândia possui elementos culturais (música, folclore, artes plásticas, artesanato e etc.), que devem ser estimulados ao lado das manifestações culturais mais eruditas, grupos teatrais, banda de música, galeria de arte e etc..

A partir de 1983 o gabinete de Planejamento reformulou radicalmente a metodologia aplicada à elaboração do orçamento municipal, nos seus aspectos filosóficos e científicos. Definiu-se novos métodos, abrindo espaço para a participação do povo uberlandense através das entidades organizadas ou não.

O objetivo da Secretaria era o de preparar estudos que visam regulamentar o parcelamento do solo, as edificações, a localização de atividades industriais e comerciais, a ocupação do solo, para assegurar à população uma qualidade de vida melhor. Além disso, elabora também projetos de interesse da comunidade, como praças e creches.

Em fevereiro de 1983, muita coisa mudou no meio rural, com a criação da Secretaria da Administração dos Distritos, órgão fundado com a finalidade específica de “aproximar” as nucleações rurais da sede urbana do município. Procuravam atingir dois objetivos: promover o homem do campo para que ele se fixe na sua terra e apoiar os trabalhos de agropecuária”²³.

Os resultados foram relevantes, conforme observou a imprensa, em nota publicada em 15 de abril de 1988, Caderno Especial do “Correio de Uberlândia”:

“são inquestionáveis os resultados positivos obtidos até o momento para o governo do Prefeito Zaire Rezende. O slogan “Democracia Participativa”, que tão bem expressa sua proposta administrativa, tem funcionado como uma espécie de bússola que ao longo dos últimos cinco anos, orienta os programas , projetos e demais atividades da Prefeitura (...). Os benefícios são inúmeros: escolas foram construídas ou ampliadas, centros de saúde instalados na periferia, estendendo este direito a toda população indistintamente, saneamento, ambiente, cultura, lazer e vários outros como o sagrado e inalienável direito à moradia, também são

²³ “Prefeitura Municipal. Democracia Participativa.” **Administração Zaire Rezende (Programa do partido Político do PMDB para as eleições de 1982)**, Uberlândia, Sabe, s/d.

*prioridade do governo Zaire Rezende que coloca o homem como centro de toda sua ação administrativa*²⁴.

Para termos um panorama sobre a administração Zaire Rezende é preciso reavivar alguns dos projetos executados durante o seu mandato. Na maioria projetos simples, mas de um certo valor no contexto social. Ao lado desses, uma de suas condutas, como prefeito, foi dar prosseguimento à gestão anterior, finalizando algumas das obras iniciadas. Dentre estas obras destacam-se o Centro poli Esportivo Parque do Sabiá, o Estádio Municipal, as Avenidas Rondon Pacheco e João Naves de Ávila. Inúmeras foram as divergências de condutas e opiniões referentes a construção e término das obras, derivadas de filosofias opostas de administração.

O Parque do Sabiá, como fonte de lazer para a população, que não tinha acesso aos demais clubes da cidade, teve, sem sombra de dúvida, o apoio total da administração Zaire Rezende, que deu continuidade às obras iniciadas pelo seu antecessor. Esta gigantesca obra consistiu em um enorme clube social popular, onde o usuário obtinha variadas opções de lazer em todas as épocas do ano. Um lugar aconchegante onde o cidadão podia passar o dia todo ao lado de sua família, no interior do parque. Para melhor servir o usuário do Parque do Sabiá, a FUTEL (Fundação Uberlandense de Turismo Esporte e Lazer) realizou benfeitorias diversas: azulejamento das piscinas, criação de vestiários femininos/masculinos e também sanitário ao lado dos mesmos, e mais, *“colocou nas águas do lago do Parque do Sabiá 10 pedalinhos que comporta cada um duas pessoas”*²⁵.

O complexo do Parque do Sabiá, situava-se no setor leste da cidade (zona urbana), especificamente no bairro Tibery, tendo uma área de 1.850.000 m², fazendo confluência com as Rodovias BR 050 e BR 452. Era parte integrante deste projeto um bosque com 200.000 m² de mata nativa, quatro campos de futebol gramados, cascatas e duchas artificiais, jardim zoológico, sete lagos, parque aquático, parque infantil com completo playground, pedalinhos nos lagos, quadras poli esportivas de areia e de cimento, um recanto para os idosos e truqueiros e ainda uma área para churrascos.

²⁴ “O governo que fez o povo decidir”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 15/04/1988. Caderno Especial, p.01.

²⁵ “FUTEL colocou pedalinhos no lago do Parque do sabiá.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 08/01/1986, p. 01.

A criação deste complexo foi uma forma de “premiar” a população de baixa renda e proporcionar, a todo cidadão uberlandense, o privilégio de apreciar a natureza e usufruir dos recursos de lazer que a cidade passou a oferecer àqueles que jamais imaginavam um dia freqüentar um clube. O cidadão humilde e desprovido de recursos financeiros passou a exercer o direito ao lazer. O orgulho de possuir um parque com tal “dimensão” era grande, chegando a proporcionar alguns comentários exagerados como o do médico Eduardo Beviláqua, que afirmou: *“Em pouco tempo, com o crescimento da cidade, este parque, será o pulmão verde da cidade e de sua população que terá um maravilhoso local de visitas no final de semana, e uma estrutura completa de lazer”*²⁶.

O Estádio Municipal Parque do Sabiá completando esta grandiosa área de lazer, também recebeu um tratamento condigno. Benfeitorias foram realizadas para melhor atender ao público e amantes do futebol, como pistas asfálticas nas vias mais próximas do parque, arborização e plantio de gramas e palmeiras nos canteiros, concluindo também a área de estacionamento. O visual do Estádio ficou diferente daquele anterior e *“dentro em breve, se tornará em um dos locais mais lindos da cidade de Uberlândia, se é que podemos definir um lugar como mais lindo do que o outro”*²⁷.

O governo Zaire Rezende contribuiu para que o Estádio Municipal Parque do Sabiá se completasse, no momento em que realizou benfeitorias melhorando a área externa do Estádio, como vimos acima. Mas, estes complementos não foram suficientes para que se lembrasse dele como um colaborador desta e sua contribuição aos poucos foi ficando esquecida, tanto pela imprensa, como pela população. Podemos justificar este silêncio, em parte, em decorrência da decadência do futebol na cidade. Este é um exemplo onde a fragilidade do espírito grandioso e futurista esbarra na realidade. Esta obra, ao ser idealizada e realizada no segundo mandato de Virgílio Galassi, recebeu inúmeras críticas de seus adversários a respeito da construção e das proporções gigantescas que a caracterizaram. Alguns anos depois, no entanto, foi nítida a preferência da imprensa local pelo Administrador Virgílio Galassi, referindo-se às críticas como infundadas:

“os adversários não tinham uma visão do que seria Uberlândia em 1988, nem de que em 1990 esta cidade deverá contar, podemos

²⁶ “A maior área verde terá melhor utilização”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 19/05/1988, p.05.

²⁷ “Arborização da área externa do Estádio Parque do Sabiá.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 18/11/1983, p.12.

dizer, com cerca de 600 mil habitantes. As críticas cessaram, o estádio é hoje o cartão de visita mais importante para quem chega à cidade metrópole do Triângulo. A visão administrativa e a vontade férrea de realizar obras importantes e irreversíveis, conferiram elogios ao prefeito Virgílio por todos os cantos do continente. Porém, não deixaram de conferir a todos que aqui vivem e trabalham, a excelência de poder contar com um dos melhores do Brasil”²⁸.

O Estádio Municipal Parque do Sabiá continuou sendo um cartão de visitas da cidade, no início dos anos 90, pela sua exuberância e grandeza, embora o seu objetivo como um estádio de fazer brilhar seus craques tenha se perdido, porque o time de futebol local (Uberlândia Esporte Clube) não guardava correspondência com essa exuberância. A justificativa para a amplitude da obra centrava-se no ponto de vista estatístico, onde tanto a imprensa quanto os órgãos municipais envolvidos na construção estimavam que, já em finais da década de 80, a cidade estaria com cerca de 600 mil habitantes. É bem verdade que a cidade cresceu, entretanto de forma bem menos acelerada do que se esperava, isto porque a estrutura oferecida pela cidade proporcionou um fluxo migratório favorável ao crescimento, porém os números apresentados estavam fora das previsões iniciais. Fora importante para a administração Galassi justificar a grandiosidade da obra, ao ponto de super estimar a população de forma a deixar evidente, para os que aqui moravam, que a construção do estádio era mais uma obra que se voltava para o futuro. Os números levantados pelos recenseamentos desmentiram as previsões, conforme se observa no quadro I, onde em 1991 o censo apresenta uma cidade com 367.061 mil habitantes, número inferior ao estimado pela Prefeitura Municipal para fins dos anos 80. Hoje, Uberlândia esta classificada como a terceira cidade mais populosa de Minas, apresentando uma população estimada em 460.000 mil habitantes, conforme censo de 1997²⁹. Entretanto, mesmo sendo a terceira cidade do Estado em número de habitantes, ainda esta bem aquém das estimativas para fins dos anos 80, realizada pelas esferas municipais, que era de

²⁸ “Ele representa a grandeza de uma cidade: Estádio Municipal do Sabiá.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 29/12/1988, p.01.

²⁹ “Números demográficos”. **Minas Gerais em Exame**: Parte integrante da edição 659 da **Revista Exame**. São Paulo: Abril, 08/04/1998, p.37.

600.000 mil habitantes. Estes dados por si só demonstravam o quanto a administração Virgílio Galassi estava empenhada em mostrar a necessidade da construção de um estádio e renegar obras menores, de pouca relevância para suas ambições políticas, porém de importância social significativa.

QUADRO I

Uberlândia - população Urbana e Rural

Evolução da População

Área	Censo/Ano					
	1960	1970	1980	1985*	1991	1995*
Urbana	71.717	111.466	231.598	304.242	358.165	418.861
Rural	16.565	13.240	9.363	9.409	8.896	8.735
TOTAL	88.282	124.706	240.961	313.651	367.061	427.596

FONTE: BANCO DE DADOS INTEGRADOS UBERLÂNDIA – MG. SECRETÁRIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 1995, VOLUME I, P.P 34 A 36.

* ESTIMATIVA

Dando continuidade à administração anterior, o governo Zaire Rezende investiu, visando corrigir e embelezar, nas avenidas Rondon Pacheco e a João Naves de Ávila. Estas avenidas foram fatores de dissensão entre os dois governos municipais em estudo. Numa ação reparadora, para evitar danos advindos das chuvas, a Rondon Pacheco foi reformulada. Segundo o Secretário Municipal de Obras, as medidas só não foram mais rápidas devido ao pouco caso da administração anterior para o problema, que não foi capaz de deixar a planta da avenida, onde estariam registrados os passos dados nesta obra.

Conforme as próprias palavras do Secretário Municipal de Obras, José Francisco dos Santos:

“apesar de todas as irregularidades técnicas que apresenta a estrutura da avenida, decorrente de uma má execução das obras, a atual administração não mediu esforços para melhorar as condições de tráfego naquela via pública. (...) Os erros técnicos, por ocasião da construção da Rondon, são provenientes de uma fiscalização negligente e da insuficiência de projetos deixados pela administração anterior”³⁰.

Na administração Zaire Rezende foi feita a arborização da via em toda a sua extensão: a avenida Rondon Pacheco tem o seu início no Praia Clube e cobre todo o antigo leito do Córrego São Pedro, fazendo a ligação da BR-050, no bairro Custódio Pereira, com a parte central da cidade³¹. A arborização, com remanejamento de alguns canteiros foi executada para melhor fluidez, aumentando a segurança do tráfego de veículos e pedestres.

A avenida passou por várias chuvas no período do governo Zaire e a cada reparo, decorrente dos estragos das águas, eram feitas denúncias a respeito da conduta da administração Virgílio Galassi. Segundo Reynaldo Cazobona, um leitor atento à política local, esta atitude de desagravo à administração anterior teria como efeito a eleição de Virgílio Galassi no pleito seguinte. Para o governo Zaire, não tendo verba e tempo suficiente para fazer uma nova avenida, era preferível que se consertasse os estragos existentes e deixasse para a próxima administração a sua solução.

Em relação a Avenida João Naves de Ávila, a situação não foi diferente. Com o seu percurso totalmente pavimentado, o governo Zaire Rezende conduziu uma segunda etapa, que seria a arborização e embelezamento da avenida e também o plantio de gramas evitando a erosão existente em alguns trechos, como também a lama proveniente das enxurradas, em decorrência das chuvas. Este embelezamento com árvores, flores, gramas

³⁰ “Estragos da Rondon são erros de construção, diz secretário.” **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 27/01/1984, p. 11.

³¹ Ver Anexo I.

e etc. ... no trecho compreendido entre a Universidade Federal de Uberlândia e o Camaru eram promessas de campanha.

Esses investimentos na manutenção e melhoria de obras existentes não anulava as prioridades básicas do governo municipal para período 1983/1988: urbanização, saneamento, saúde, assistência ao menor, lazer, segurança, transporte, habitação, abastecimento e assentamento do trabalhador rural. Ou seja, o compromisso do PMDB com a população de Uberlândia girava em torno da instalação de um governo participativo e democrático, proposta audaciosa para a época, cujo princípio básico era o de compartilhar com a população o poder de decisão. Gradativamente algumas mudanças foram sendo efetivadas, transformando o retrato de uma administração racional em outro voltada prioritariamente para o social.

Na área de transporte, constituiu-se o Conselho Municipal de Transporte, onde a população era representada pelos setores da comunidade, entre eles os sindicatos de classe, estudantes, associações de bairro. Juntos buscaram reelaboração de condutas, procurando efetivar as reivindicações, principalmente de linhas e ônibus. Os interesses eram defendidos de acordo com cada grupo representado. O Conselho Municipal de Transporte contou também com o PROBUS (Programa de Transporte Público por Ônibus) e seu objetivo era o de melhorar o serviço de transporte coletivo da cidade, igualando a oferta de ônibus com a demanda de usuários. Cabia ainda ao PROBUS gerenciar a distribuição da frota existente, de modo a atender um maior número de pessoas, sem que fosse comprometido o limite máximo de cada ônibus e priorizando o conforto e segurança dos usuários.

Na área da saúde, Zaire Rezende, talvez pelo fato de ser médico, preocupou-se em dar pelo menos o mínimo em saúde pública para a população carente. Para tanto, construiu inúmeros Centros de Saúde em bairros, apontados pela população, frutos do trabalho em equipe, que caracterizou a sua “Democracia Participativa”. Entre os bairros agraciados citamos: Dona Zulmira, Custódio Pereira, Brasil, Presidente Roolsevelt, Alvorada, Santa Luzia, Santa Rosa, Tubalina, Tocantins e outros. Levar para mais perto da população os serviços prestados pelos profissionais da saúde pública municipal era, para o prefeito, a melhor forma de atender a população. Conduzindo a saúde até o bairro, efetivava-se a descentralização do serviço, e esta apresentava-se como resultado e conquista da comunidade. O discurso do prefeito reforçava esta postura: *“acredito que a saúde é um*

*direito de todos. Espero que os Centros de Saúde que estão sendo instalados em agosto tenham o compromisso de participação de toda a comunidade, pois, é fundamental que o povo participe da administração dos negócios municipais, estaduais e federais*³². Os Centros de Saúde tiveram como meta a promoção da saúde pública, reeducando a população através de prevenção de doenças e não somente na cura delas. Desta forma, o tratamento para a saúde deixaria de ser tão somente curativo, tornando-se principalmente preventivo.

Na área da educação, o governo se preocupou em dar ao município condições para administrar seu próprio sistema de educação. Para que o município desenvolvesse o ensino de forma competente e com qualidade, tornava-se necessário a construção e as ampliações das escolas existentes. Com a ajuda do Estado foi possível aumentar substancialmente o número de vagas para os alunos e para os profissionais da área. Algumas escolas foram construídas, reformadas e ampliadas, com melhorias na quantidade de salas de aulas, cantinas, quadras de esportes e outros. Na sua maioria estas escolas se localizavam na periferia, nos bairros mais distantes do centro, resolvendo o problema do difícil acesso da população às escolas existentes. O orçamento familiar para uma grande maioria de moradores desses bairros (Segismundo Pereira, Maravilha, Tibery, Santa Mônica, Luizote de Freitas, Ipanema, Planalto e outros) não suportava o custo das conduções diárias até a escola mais próxima, fato este que inibia a inserção de grande número de crianças ao sistema educacional. Por acreditar na educação pública e gratuita, do pré-escolar até a Universidade, ao longo do seu mandato a administração Zaire agiu inteiramente a favor da educação para todos. Na solenidade de abertura da Escola Estadual Teotônio Vilela (no bairro Planalto), Zaire reforçou o quão importante era a participação da comunidade para que as riquezas do país fossem repartidas democraticamente e estas servissem para o crescimento de cada cidadão: *“Democracia não significa apenas escolher seus representantes. É sobretudo oferecer oportunidades iguais a todas as pessoas e distribuir igualitariamente as riquezas que o país produzir*³³.

Esta bandeira democrática teve como cunho central o social, objetivando ser direito de todos os cidadãos viver com dignidade. Inclua-se nesse direito o lazer. Para que isto acontecesse diversas praças públicas foram construídas nos bairros mais necessitados.

³² “Zaire entrega em agosto mais 3 centros de saúde”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/07/1984, p.01.

³³ “Prefeito inaugura a Escola Teotônio Vilela”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07/08/1985, p.01.

Embelezamento e lazer caminharam juntos para o edificar do novo homem, capaz de modificar a sociedade enquanto participante ativo dela. Diante disto, Zaire foi muito combatido por ser um administrador que se voltou somente para construção de praças. A população, como a imprensa, acostumados com as obras grandiosas de Virgílio, tornaram-se críticos dessa política de “apenas” construir praças, isto porque, de um lado, estava o grande volume de recursos que o município arrecadava e para muitos a política de obras grandiosas era fundamental para elevar ainda mais o nome de Uberlândia. Por outro lado, estava o preconceito por obras supostamente irrisórias do ponto de vista econômico e o município tinha condições financeiras para alavancar projetos mais significativos para o crescimento da cidade. Associado a isto estava o desconhecimento da importância e do valor social existente na praça, também o lugar da recreação, da convivência, das festas públicas. Portanto, um elemento do cotidiano.

No campo da cultura, desenvolveu-se, entre outros, o projeto denominado Circo, que objetivava despertar a população, de bairro em bairro, para a vida cultural e promover o homem e a cultura existente em cada local, valorizando as expressões populares. Este projeto colocava o cidadão socialmente marginalizado como ser útil e capacitado para a vida, na medida que a sua cultura tornava-se difundida e apreciada.

Na prática, a Democracia Participativa serviu apenas para atender a um plano de governo previamente definido. Isto é, transmitir, à sociedade local, a idéia de um poder político voltado para o bem estar social, com a participação do povo nas principais ações do governo, procurando dividir com a sociedade a responsabilidade na definição/administração dos problemas da cidade. A participação nas decisões da ação do governo, especificamente da associação de moradores, não passava de um simples objeto no projeto “Democracia Participativa”. Desta forma, na medida em que procurou demonstrar uma participação ativa dos segmentos sociais para a definição das estratégias de governo, percebe-se que, na verdade, o que de fato ocorreu foi a redução do conceito da democracia a um conjunto de regras “pré determinadas”, especificamente para atender o fisiologismo do jogo de interesses políticos. Esta participação popular na administração, de fato tornou-se nula, pois as decisões eram tomadas de acordo com os “ideais” de seus líderes políticos. As decisões partiam de cima para baixo, ou seja, da administração pública para as associações, cabendo a estas apenas sancioná-las, deixando transparecer que as decisões acertadas eram o desejo da maioria dos moradores.

Em síntese, a administração do PMDB de Zaire Rezende não contemplou, realmente, os “Princípios para a Ação do Governo Municipal” constituído. De um lado, devido ao ideário burguês que está enraizado no imaginário social, ou em função do esvaziamento constante do movimento (Associação de Moradores de Bairro) em decorrência da centralização e hierarquização que reflete o funcionamento da sociedade. De outro, porque a sociedade ainda não estava preparada para este tipo de administração, pois, o processo de conscientização e o exercício da cidadania requer um longo tempo de maturação, pouco inerente ao período, dado que o país acabara de sair de um regime militar e ditador que perdurara por vinte anos.

Zaire Rezende não conseguiu, como vimos, colocar em prática tudo aquilo que seu governo propôs, mas não deixou de ser respeitado, pois apesar de todos os seus “erros” enquanto administrador, sua administração teve uma característica própria, que o levou a ser admirado, e até mesmo intitulado como o “Pai dos POBRES”. No entanto, o que muitos questionaram (e questionam) é ao fato de que Zaire não construiu nenhuma obra de impacto, seja do ponto de vista econômico ou social, sua administração se resume em uma somatória de pequenas e valiosas obras, ao contrário de seus antecessores, que procuravam deixar sua marca por intermédio de grandes realizações, às vezes de pouca utilidade. A resposta do administrador Zaire a esses críticos está consolidada na essência de seu governo : *“NOSSA GRANDE OBRA É A VALORIZAÇÃO DO HOMEM”*³⁴.

³⁴ “O governo que fez o povo decidir”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 15/04/1988, p. 01, (Caderno Especial).

CAPÍTULO II

OS EMPRESÁRIOS E AS PROPOSTAS DE GOVERNO

Os empresários locais tiveram um papel relevante no desenvolvimento da cidade, na busca do seu crescimento econômico, social e político. De um lado, porque ele possibilitava maior nível de arrecadação de impostos (receitas) que poderia ser revertido na melhoria da infra-estrutura voltada para a produção e a comercialização. De outro, a geração de empregos, que possibilitava amenizar os conflitos sociais, pois o nível de renda de seus habitantes tendia a crescer. Como consequência desse desenvolvimento, cada vez mais os empresários se envolviam nos processos políticos da cidade tornando-se um importante “aliado” do poder público. Para atrair um maior número de empresas para o município, foram oferecidas vantagens, tais como: isenção de impostos municipais, infra-estrutura nos terrenos, incluindo água, luz, esgoto, para que o progresso pudesse continuar.

Portanto em Uberlândia, como em outras cidades nesse período, poucas eram as divergências existentes entre empresários, Prefeito e demais poderes políticos municipais: o desejo de crescer era mútuo, como era comum a construção da imagem de uma Uberlândia em crescimento. Uma fala dinâmica, construtora, progressista, e até mesmo universal, caracterizou o discurso da maioria dos empresários uberlandenses. Para eles, Uberlândia, nada mais era do que uma terra abençoada, sem igual:

“Se analisarmos bem, depois que Deus Criou o mundo e no sétimo dia descansou, podemos acreditar que foi nesse dia que ele pensou: Preciso fazer uma terra que outra igual não haja neste mundo. Com um punhado de estrelas de cada parte do Universo...”

*um pedaço do céu... uma réstia de lua... juntando melodias dos mapas dedilhados por anjos, buscando em cada horizonte, tintas de crepúsculos e de alvoradas. Misturou tudo numa âncora de ouro cravejada de rubis e esmeralda e fez a terra abençoada - Uberlândia. A ela doou o ponto de esperança, o fruto, o néctar da riqueza e da pujança. E seu ventre fecundo passou a gerar fortuna e amor. Dizem que foi assim, que Deus fez esta maravilha mineira, esta terra abençoada que é U B E R L Â N D I A, é Minas é Brasil (...).*³⁵

Foi neste “solo abençoado”, e por acreditarem em sua pujança, que os empresários se aliaram a favor do progresso, para eles sinônimo de uma política de transformação. Essa postura levaria Uberlândia a ser um modelo, um orgulho tanto para os nativos como para os aqui radicados; em suma um expressivo pólo geo-econômico de Minas Gerais e líder do Triângulo Mineiro cuja influência passava a ser reconhecida nacionalmente:

*“Uberlândia, 92 anos, é uma cidade cosmopolita, e a presença de brasileiros de todos os cantos do país, aliada ao trabalho de estrangeiros que acreditam em nosso futuro, nos dão a certeza de que o seu desenvolvimento será contínuo e irreversível”.*³⁶

Em seus discursos, os empresários procuravam destacar o quão era verdadeiro a escolha desta terra para construírem seus “impérios” e, para isto, era preciso unir os pensamentos em um só ideal, ou seja, colocar, acima das divergências setoriais, o objetivo de transformar essa cidade em modelo nacional de desenvolvimento. Matérias publicadas nos jornais locais, principalmente no mês de aniversário da cidade - agosto - , são documentos importantes para mostrar como os empresários, ao idealizarem a imagem da cidade-progresso, se colocavam, eles mesmos, como sujeitos do desenvolvimento. Eis um exemplo dessa postura:

³⁵ “Deus Fez esta terra e perdeu a receita”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 19/08/1983, p.10.

³⁶ “União, Amizade e entendimento tornaram possível esta grande cidade”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 12/08/1980, p.05.

“A história de nossa empresa confunde-se com a própria história da cidade. E temos muito orgulho disso, porque a marca dos pioneiros é o símbolo da fé e confiança de um povo”³⁷.

“Uberlândia é o orgulho de Minas e principalmente de sua gente (...) tudo o que compõe a paisagem que se ergue no cerrado foi construído pelo alto espírito de desenvolvimento, de nossa gente (...)”³⁸.

Os empresários e a administração municipal foram, assim, porta-vozes de um mesmo discurso. Em uma sociedade movida pelos princípios capitalistas, para o bom desempenho dos negócios, faz-se necessário a “harmonia” entre empresários, administração pública municipal e população, transformando o desenvolvimento da cidade em uma causa social, uma causa de todos, onde compete à grande maioria dos moradores acatar e defender as decisões políticas em prol do desenvolvimento. Em síntese, a participação dos trabalhadores se restringe ao trabalho, à labuta, à esperança de um futuro melhor. Mas mesmo assim, este discurso de desenvolvimento para todos foi se enraizando nos diversos segmentos sociais, tornando bem mais fácil governar, pois o que se fazia e o que se falava era “aprovado” por “todos”, ou pela grande maioria. A pequena minoria que foi contra os princípios da política dominante era tida como contrária ao desenvolvimento, ao progresso, ao crescimento da cidade.

Este “poder” absoluto foi se alastrando em “toda” a sociedade uberlandense e, de uma forma ou de outra, foi sendo assimilado, fazendo com que todos se sentissem responsáveis pelo bom andamento da economia da cidade. Constroe-se, ao mesmo tempo, a imagem do cidadão ordeiro, trabalhador, que teria um enorme desejo de crescer e este desejo impulsionaria um sentimento de dinamismo, voltado para o futuro, que seria inerente à personalidade do uberlandense.

Algumas frases nos dão um panorama da cidade através dos “olhos” dos empresários:

³⁷ “Havia árvores na Afonso Pena que parecia ser muito larga!”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/08/1980, p.05.

³⁸ “Uberlândia orgulho de Minas”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 22/08/1981, p.02.

“Força, trabalho e dinamismo (...), progresso ... - 95 anos de exemplo de Amor e Trabalho”³⁹.

“É muito fácil fazer milagres em uma Terra Santa como a nossa (...). Uberlândia é mesmo uma cidade pródiga. Com todas as dificuldades que o país atravessa, os investimentos cada vez menores, vemos esta cidade crescer a cada dia (...) uma cidade alegre, jovem, com características de progresso à jato, clima de sol e ótima receptividade dos uberlandenses que conheci”⁴⁰.

Com o crescimento da cidade de Uberlândia desenvolve-se também a idéia de cidade pólo, responsabilizando-a pelo progresso e melhoria das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba:

“Cidade mais hospitaleira do mundo - Uberlândia onde o progresso é a palavra mais interpretada ... é verdade “como Uberlândia cresce”, e com ela toda a nossa região”⁴¹;

“Diariamente as estatísticas mostram e confirmam: ninguém segura esta cidade (...) povo brilhante, progressista e hospitaleiro”⁴².

E mais, atribuem uma boa parte do crescimento a um homem, que para eles foi, sem dúvida, a presença viva do progresso, ou seja, o Prefeito Virgílio Galassi, que governou com humanidade, coragem e determinação; um político destemido.

Os agradecimentos abaixo demonstram o quanto Virgílio Galassi, foi (e é) “respeitado” pelos empresários, e como, através dele, eles procuram demonstrar uma união. O que se percebe é esta cumplicidade entre empresários, administração pública municipal e sociedade. Cada qual com interesses próprios, porém em busca de um mesmo ideal: fazer de Uberlândia uma cidade de renome e com toda a infra-estrutura de uma cidade digna, se igualando a tantas outras do mundo capitalista desenvolvido:

“(...) Agora é hora de agradecer (e reconhecer) ao dinâmico prefeito Virgílio Galassi, pela administração H U M A N A que

³⁹ “95 anos de Trabalho e Dinamismo”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 17/08/1983, p.11.

⁴⁰ “Perfumista francês visita Uberlândia”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 24/07/1984, p.04.

⁴¹ “Como Uberlândia Cresce!”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 18/08/1983, p.10.

⁴² “As estatísticas confirmam: ninguém segura esta cidade”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 20/08/83, p.09.

realizou, valorizando o H O M E M, projetando e executando obras como o Complexo Poliesportivo Parque do Sabiá, Avenida Rondon Pacheco, nova Getúlio Vargas, nova Estação de água, redes de esgoto e asfalto, nova Praça Sérgio Pacheco, com uma determinação de desenvolvimento marcante no setor educacional. Reconhecemos ter sido a administração Virgílio Galassi, a maior de todos os tempos, queremos cumprimentar o eminente homem público pela sua dedicação de seis anos de Uberlândia, a cidade que deu certo e cresceu vinte”⁴³.

O governo Zaire, por sua vez, foi muito questionado no decorrer de seu mandato. Em relação aos empresários foi visível a preferência dada ao ex-prefeito Virgílio Galassi. O caso Souza Cruz pode mostrar essa postura. A imprensa local chegou a dizer que a transferência da administração do departamento comercial da Companhia para Belo Horizonte, em 1984, era de cunho político e não uma estratégia mercadológica e administrativa da empresa, conforme havia sido declarado em nota oficial.

Esta transferência, de caráter político ou não, foi sem dúvida um dos primeiros fatos utilizados pela oposição para criticar o governo Zaire Rezende. O que se questionava era se esta teria sido a melhor escolha para uma cidade que quer progredir e avançar em todos os setores. Em momento algum foi questionado as dificuldades econômicas que o país estava passando e, por consequência, da situação crítica das empresas, que para superarem a escassez de recursos financeiros necessitavam agir de forma a buscar a melhor opção. No caso Souza Cruz foi escolhido como alternativa, para dirimir os custos, a necessidade de centralização de seu departamento comercial. As falas oposicionistas estavam preocupados com a transferência do setor de vendas da Souza Cruz para Belo Horizonte, porque, caso isso viesse a ocorrer, o município perderia bilhões por ano em arrecadação do ICM e a cidade perderia em benefícios. O objetivo ficava claro: era meramente político e voltado para denegrir a imagem da administração municipal, pois, juntamente com esta postura adotada, a empresa começou a direcionar a centralização da produção do cigarro em sua unidade produtiva de Uberlândia, tornando-a, nos dias de hoje, na maior fábrica de cigarros da América Latina. Ademais, questionavam apenas o que se

⁴³ “Hora de Agradecer e Reconhecer”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 01/02/1983, p.05.

perdia com arrecadação pelas vendas diretas aos comerciantes, deixando de considerar que as transferências também geravam arrecadação. E mais, o crescimento da produção para atender a demanda nacional tenderia a aumentar, visto que muitas fábricas, dentro da nova postura a ser adotada, gradativamente seriam fechadas, sendo que o mercado seria atendido pela unidade de produção sediada em Uberlândia .

O fato é que as críticas foram substanciais, entretanto pouca relevância foi dada às inúmeras pequenas e médias empresas que se instalaram no Distrito Industrial, conforme se observa em “Uberlândia-98 anos”, um suplemento especial da revista FLASH de 1986. Os dados apresentados demonstram o empenho do prefeito para transferir o máximo de empresas para o Distrito Industrial, como também de atrair novos empreendimentos para Uberlândia. Este esforço resultou na instalação de 139 empresas até o final de 1985, isto significando que, *“no período 1983/1985, o Distrito Industrial de Uberlândia alcançou um índice acumulado de 60,95% de incremento, contra 39,05% do período correspondente a 1974/1982”*⁴⁴. A expansão no setor industrial foi relevante, propiciando a *“criação de 4.066 empregos no período de 1983 a 1986; os setores que mais empregaram foram comércio, indústria e empresas de prestação de serviços”*⁴⁵. Os dados acima foram consolidando a expansão econômica do município ao longo da década de 80, mas parece que não foram suficientes para selar o elo de cumplicidade entre o Prefeito Zaire Rezende e a classe empresarial.

A escolha da cidade de Uberlândia para instalação de indústrias vindas de fora da região foi justificada na sua pujança e nas suas possibilidades de desenvolvimento, em meio às dificuldades que o país atravessava nos anos 80. Os empresários demonstravam, de uma forma bem otimista, a escolha feita para implantação e até mesmo expansão de seus negócios, entusiasmados com os resultados apontados no decorrer de cada ano. Para eles, as dificuldades do país não chegavam a influenciar o desenvolvimento da cidade.

A indústria Cargil, ao assinar o contrato para instalação da mais nova indústria em Uberlândia, justificou sua escolha dizendo ser a cidade dotada de uma infra-estrutura de serviços (como transporte e outros) indispensáveis para a instalação de empresas. Para ela, a cidade possuía uma localização privilegiada e isso contribuiu também para escolha: *“Uberlândia é também, por assim dizer, uma espécie de “encruzilhada” do Brasil*

⁴⁴ “Cresce a Atividade industrial. Uberlândia 98 anos”. **Revista FLASH**, Suplemento Especial – 1986, p.50.

⁴⁵ Idem, p.51.

*contemporâneo. É o entroncamento de todo o sistema viário que une as regiões de norte ao sul, do leste ao Brasil central e as áreas a oeste que agora estão sendo incorporados ao mapa econômico da Nação. Pode-se dizer até que O BRASIL PASSA POR UBERLÂNDIA*⁴⁶.

Uberlândia era vista assim pelos empresários que aqui se instalavam. Eles buscavam sempre exaltar sua escolha e eram taxativos nos seus conceitos:

*“A cidade é dotada de um clima estável, perfeita infra-estrutura urbana, meios de comunicação bem desenvolvidos, um complexo rodo-áereo-ferroviário que funciona a contento para ser um pólo industrial em desenvolvimento. E sobretudo, ter uma população progressista e com boa forma cultural”*⁴⁷.

A administração municipal contribuiu, e muito, para a idealização da cidade, utilizando de seu perfil geográfico como um chamariz a novos empreendimentos. Zaire Rezende, na inauguração da nova sede da ACIUB, fez uso da palavra e se mostrou entusiasmado com as novas instalações e disse:

*“A nova instalação da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e sua extensão, representa a grandeza desenvolvimentista da cidade, que tem um dos maiores distritos industriais de Minas Gerais, para o qual, diariamente, três empresas voltam seu desejo de nele se integrar ... o distrito industrial é o único que não precisa de carecer de benefícios do governo estadual, caminhando às suas expensas”*⁴⁸.

Uberlândia era para os empresários e para a administração pública uma consonância entre trabalho/progresso, habitada por uma população voltada para o amanhã, guerreira, fazendo com que não houvesse obstáculos à sua frente. Portadora de uma riqueza inigualável, a cidade fugia, assim, da crise:

“Uberlândia, vive fora do círculo de crise econômica e social que se aperta em torno da maioria das cidades do país. Em Uberlândia, é

⁴⁶ “Em Belo Horizonte, assinado contrato para instalação da Cargill em Uberlândia”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 06/10/1984, p.06.

⁴⁷ “Triângulo: A idéia mais redonda da Souza Cruz”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/02/1985, p.02.

⁴⁸ “Prefeito e figura da comunidade prestigiam o lançamento da pedra fundamental da ACIUB”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 01/08/1985, p.01.

quase inacreditável, não existem mendigos pelas ruas. Em vez de desemprego, ali há vagas em oferta em muitas empresas, inclusive as de construção civil”⁴⁹.

Nas pesquisas feitas nos jornais no período de 1977 a 1988 foi notável perceber a construção idealizada da cidade, a edificação de conceitos voltados para o progresso, para o crescimento, como se a cidade não pudesse “fugir” deste destino que estava selado no seu próprio nome: Uberlândia – “TERRA FÉRTIL”. Uma fertilidade natural que teria crescido rapidamente através do espírito “nato” de cada uberlandense. O jornal Correio de Uberlândia exprimiu muito bem esse espírito em um de seus editoriais:

“Uberlândia é uma cidade grande pela sua própria natureza de existir, sendo notório e sabido que tudo que se faz aqui, é na base da grandeza: a maior fábrica de cigarros da América Latina, a Souza Cruz, o maior terminal rodoviário do interior do Estado, o maior estádio do interior mineiro, o Parque do Sabiá, o Distrito Industrial que não perde para nenhuma cidade do interior de Minas, a estação ferroviária, beleza pura, a praça Sérgio Pacheco apesar de “todinha” servindo para outras finalidades que não a do lazer e recreação, mas é a que possui maior área territorial, o FORUM Abelardo Pena, de estrutura arquitetônica maior do Triângulo; a UFU, e etc. (...) Uberlândia é terra de homens de verdadeira vontade. Que trabalham e criam o progresso nas largas dimensões desejadas pelo país”⁵⁰.

Em síntese, tanto a gestão Virgílio Galassi como a de Zaire Rezende apostaram em Uberlândia, lugar de um povo trabalhador e exemplar. Virgílio Galassi em sua administração optou por uma Uberlândia empreendedora e modernista, preparando a cidade para o futuro. Percebe-se que foi este espírito arrojado, embebido no dinamismo e voltado para o desenvolvimento, sobretudo por meio de obras que direta ou indiretamente favoreciam a classe empresarial, o elo de afinidades entre empresários e seu governo.

⁴⁹ “Crise a distância”. **Revista VEJA**, Edição nº 1002. São Paulo, 18/11/1987. Abril, pp 66-73.

⁵⁰ “Quem te viu quem te vê, minha querida Uberlândia”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 24/07/1987, p.03.

Tendo o “homem” como figura central, Zaire Rezende apostou no despertar para a consciência, para a ação, para a participação popular, em conjunto com a administração pública municipal, como o caminho para uma sociedade realmente democrática, socialmente justa, conduzindo a uma vida melhor para todos.

Conclui-se, entretanto, que em ambas as administrações ocorreu uma cumplicidade de anseios em sobrepor e manter a cidade no apogeu das especulações tanto pela “população” quanto pelos empresários e imprensa. De um lado estava o idealismo futurista de perceber as necessidades para uma cidade próspera e progressista, relegando a uma importância secundária o caráter social, muito embora o próprio crescimento econômico justificasse um relativo envolvimento social, na medida que a construção de grandes obras se afirmava com a geração de empregos. De outro, encontrava-se o idealismo humanista em que a base para a consolidação do homem está na melhoria de seu habitat natural, a cidade, seja através da construção de pequenas obras, ou de infra estrutura local, ou por intermédio da geração direta de empregos com a expansão do parque industrial, em decorrência do direcionamento voltado para o incentivo ao surgimento de pequenas e médias empresas na cidade. Recuperar esta alternância no projeto desenvolvimentista, de um idealismo futurista para um projeto humanista, é de extrema importância para a compreensão da evolução econômica e social da cidade. As mudanças conjunturais, expressas em projetos políticos aparentemente distintos, serviram para ir consolidando o crescimento industrial e as relações capitalistas na região.

UBERLÂNDIA

PARA NÓS VOCÊ É UMA CIDADE DO PRÓXIMO SÉCULO

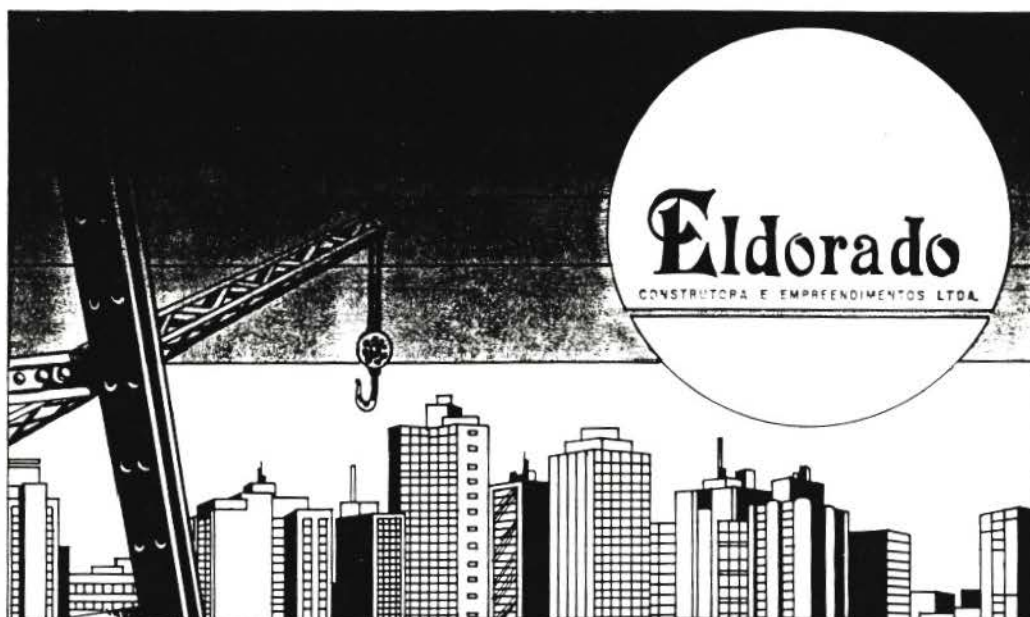
**abc
construtora**

A ABC Construtora nasceu quando Uberlândia estava chegando ao seu primeiro centenário. Agora, juntos, vamos colocar a força do trabalho a serviço da construção do novo século desta cidade. Parabéns Uberlândia, um novo século nos espera.

**abc
construtora**

R. Cesário Alvim, 488 - Centro
Fone (034) 236-6155
Telex 343148
Caixa Postal 771
38400 - Uberlândia - MG

ABC CONSTRUTORA. "Uberlândia para nós você é uma cidade do próximo século". FLASH.
Uberlândia, setembro de 1988. Ano I. Nº 10. Sabe, p.10.



SÓ COM TRABALHO SE CONSTRÓI UMA GRANDE CIDADE.

TEMOS O ORGULHO EM PARTICIPAR DESTE SÓLIDO PROGRESSO DESTA
IMPONENTE UBERLÂNDIA SEM FRONTEIRAS PARA O FUTURO.

RUA DIÓGENES E MORAES Nº 10 - B. CAZECA - TELEFONE 236-8666 - UBERLÂNDIA - MG.

ELDORADO CONSTRUTORA E EMPREENDIMENTOS LTDA. "Só com Trabalho se constrói
uma grande cidade". FLASH. Uberlândia, setembro de 1988. Ano I. Nº 10. Sabe, p.21.

PREFEITO ZAIRE REZENDE:

“O POVO DEVE
CONSTRUIR
SEU PRÓPRIO
CAMINHO”

A preocupação central com o Homem, numa busca incessante de melhorar as suas condições de vida, caracteriza a Administração Zaire Rezende à frente da Prefeitura de Uberlândia. Eleito pelo PMDB com expressiva vantagem sobre os demais candidatos, o prefeito Zaire Rezende pretende deixar marcas profundas na história da cidade. Não com obras faraônicas mas com uma série de obras necessárias que, juntas, formam o retrato de uma administração humana, voltada prioritariamente para o social.

Hoje, a população de Uberlândia, pelo menos na sua grande parte, está muito mais consciente do que seja a administração pública e quais são os seus direitos e deveres. “Nosso projeto político de participação da comunidade na solução dos problemas municipais ultrapassou os limites urbanos e se estendeu até o meio rural”, afirma ele.

Neste tempo em que o País, como um todo, se une na esperança de grandes mudanças, Uberlândia dá o seu exemplo de trabalho. E mostra que apostando no Homem e investindo nele, unindo ação, consciência, participação popular e uma proposta objetiva de governo pode-se construir uma sociedade realmente democrática, socialmente justa e conquistar uma vida melhor para todos.

UBERLÂNDIA EM BOAS MÃOS



Opovo colocou Uberlândia novamente em boas mãos. Elegeu a experiência, a juventude, o desenvolvimento com justiça social. Pelas mãos de Virgílio Galassi e sua equipe, Uberlândia começa um novo século de esperança e realizações. Parabéns e felicidades. Nós estamos sempre torcendo por vocês.

 **AUTOMINAS**

AUTOMINAS
LOCADORA

AUTOMINAS
TINTAS

PEÇAS & PEÇAS

FLASH



Uberlândia renasce para a
construção de um novo tempo:
Virgílio voltou, Uberlândia ganhou.



EMPREENDIMENTOS
IMOBILIÁRIOS



CCO Construtora
Centro Oeste S/A

CAPÍTULO III

A CIDADE E SEUS PROBLEMAS

3.1 - Questões Urbanas da “Cidade Maravilhosa”

Uberlândia, como já vimos, no primeiro capítulo, teve seu “modelo” pautado no desenvolvimento capitalista brasileiro. Desenvolvimento quer dizer progresso, transformar uma cidade de pouca expressão no cenário nacional em uma cidade relevante, seja do ponto de vista econômico quanto político e social. Uberlândia não conheceu a crise social e econômica, que atingiu uma significativa parcela dos brasileiros: aqui havia relativa oferta de trabalho nas empresas, se a compararmos ao resto do país, sem falar também na qualidade de ensino das boas escolas existentes na cidade, incluindo as de ensino superior. Uberlândia era e é, assim, uma cidade boa de se morar, construir família e crescer profissionalmente: pelo menos é o que nos diz os artigos da Revista FLASH, de outubro de 1988, e Veja de 1987, retratando apenas o que há de positivo no interior da sociedade uberlandense⁵¹. Essa apologia que a imprensa local faz da cidade é destacada pela historiadora Jane de Fátima Rodrigues. Ela ressalta a importância dos meios de comunicação enquanto porta-vozes das classes dirigentes do município, tornando-se aliados na propagação de uma sociedade idealizada no lema trabalho, ordem, disciplina e progresso:

“Os jornais, ao articularem e até mesmo proporem ideais sobre a condução do projeto econômico e social, tornavam-se os agentes de

⁵¹ “O que Uberlândia espera do novo Prefeito”. **FLASH**. Uberlândia, outubro de 1988. Ano I. Nº 11. Sabe, p.p. 09 a 13.

“Uberlândia/MG sua vida e seus Costumes: Interior um Brasil longe da Crise”. **VEJA**. São Paulo, 18/11/1987. N 1002. Abril, p.66 a 73.

vanguarda numa sociedade que iniciava o seu processo de estruturação. Ao ganhar novos adeptos em outros segmentos sociais, a imprensa tornava-se um instrumento propagador e disseminador das principais questões da sociedade uberlandense, quer seja denunciando alguns aspectos pertinentes ao prosseguimento da ordem a ser instituída, como, por exemplo, o alerta para o crescimento do custo de vida, ou das condições precárias de trabalho das classes operárias, quer seja incentivando a continuidade do processo, através da necessidade de um aparato policial mais rígido, o combate ao jogo, à mendicância, ao meretrício, etc. Portanto, enquanto porta-voz das classes econômicas e dirigentes do município, a imprensa articulou um discurso capaz de escamotear um projeto de classe, transformando-o num projeto global da sociedade e se colocou como agente histórico do processo de condução da modernidade”⁵².

Em busca da modernidade, percebemos a união entre empresários e administradores do município, através de um discurso controlador e fixador de opiniões, idealizando uma sociedade uberlandense “quase utópica”, para não falar ilusória. A contradição entre a imagem constituída pelo discurso e a realidade objetiva, no entanto, aflora em diversos momentos, mostrando-nos as características intrínsecas ao capitalismo, do qual Uberlândia é uma parcela constituinte. A cidade, sendo regida por esse modelo, não consegue controlar situações criadas pelo próprio capitalismo, tais como, o desemprego, que gera excluídos sociais, como os andarilhos, os mendigos, os meninos abandonados, ou sub-empregados como os vendedores ambulantes, os profissionais autônomos e outros.

Por mais que a história oficial tenha retratado o desenvolvimento da sociedade uberlandense através do ideário burguês, construindo uma visão da população como laboriosa e ordeira, e até mesmo passiva, sempre em busca do desenvolvimento, seja ele social e urbano, ela não conseguiu eliminar os problemas sociais. O que podemos afirmar,

⁵² “RODRIGUES, Jane de Fátima. **Trabalho, Ordem e Progresso**: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços 1924 a 1964. Dissertação de Mestrado, USP, 1989, p.51.

de acordo com as pesquisas realizadas, no período de 1977 a 1988 nos jornais, é que existia sim uma parcela de população laboriosa, ordeira e passiva, para quem o “trabalho” era, sem dúvida, sinônimo de cidadania. Era comum a construção da relação indivíduo/trabalho/cidade, deixando transparecer o quão era fundamental a participação desta população enquanto fonte provedora para edificar a cidade e o seu desenvolvimento. Como consequência dessa passividade, a avaliação dessa população passava por adjetivos como “frágil”, “desprovida de anseios”, “sem determinação própria”, portanto, pessoas incapazes de se organizarem e reivindicarem seus direitos. Este ideário foi introjetado por boa parte da população, que assumiu para si o discurso burguês capitalista da elite dominante, onde a ordem seria a propulsora do crescimento e do progresso da cidade.

É fato, porém, que ao lado de toda esta pujança e riqueza encontramos uma Uberlândia pobre, descalça, uma cidade abandonada e esquecida. Neste capítulo procuro retratar os problemas desta cidade maravilhosa, que as administrações Virgílio Galassi (1977/1982) e Zaire Rezende (1983/1988) tentaram solucionar de formas diferentes, ambos buscando políticas próprias para alcançar seus objetivos, isto é, o desenvolvimento e o crescimento da cidade e, com eles, o próprio reconhecimento de sua gestão como propulsora da modernidade e do bem estar. Enfim, agiram de forma a promover o surgimento, no seio da sociedade, de um oásis brasileiro desprovido de crises, miséria, favela, mendigos. Em suma, encobriram as deficiências da cidade levando para a periferia tudo que empobrecesse e enfeasse a belíssima “cidade jardim”, de modo que, aos olhos dos visitantes, e até mesmo da sociedade local, transparecesse uma cidade exemplar onde os conflitos sociais basicamente inexistiam e que, do ponto de vista econômico, era a cidade ideal para os negócios, seja pela localização geográfica e/ou principalmente pelas condições que a cidade oferecia:

“um espaço geográfico sem igual, a estrutura moderna e avançada da arquitetura, a especulação imobiliária, a situação de pólo comercial e industrial da região, fatos que atestam o seu progresso econômico, contrastam com a violência, o crime, o roubo, a mendicância, prostituição, os jogos de azar, o favelamento,

deixando entrever, nos conflitos sociais, a recusa à ordem burguesa estabelecida”⁵³.

Diante desta recusa à ordem estabelecida pela burguesia, os problemas urbanos afloraram tomando forma e especificidade. Vários deles afetavam o cotidiano da população, comprometendo o sistema de transportes, a educação, a limpeza urbana, o custo de vida, os salários e outros. Os habitantes reivindicavam melhores condições de vida, deixando perceber que o progresso não havia proliferado por todos os setores e lugares da cidade e que o discurso HUMANO/PROGRESSISTA da administração municipal não passava de um estilo de governo que pouco contribuía para a socialização do desenvolvimento.

O custo de vida em Uberlândia, durante a administração Virgílio Galassi, de 1977 a 1982, era considerado alto. O número de pessoas que reclamavam do aumento abusivo de preços, dos produtos que constavam da lista da SUNAB, era relevante. As pessoas procuravam explicações para o não cumprimento da lei dos produtos tabelados⁵⁴ tais como: guaraná, pão francês, cerveja, carnes e outros⁵⁵. Vale aqui destacar que, neste período, desencadeava-se na economia brasileira uma profunda crise de preços, em que o processo inflacionário corroía o valor da moeda. Ernesto Geisel havia assumido a Presidência do país em março de 1974, logo após a crise do petróleo do final do ano anterior, quando os preços haviam quadruplicado no mercado internacional. Os reflexos se fizeram sentir na economia brasileira, provocando elevação na taxa oficial de inflação, a partir da

⁵³ - MACHADO, Maria Clara Thomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)**. Dissertação de Mestrado, USP/SP. 1990, p.17.

⁵⁴ No contexto da política econômica do País, no período em estudo, fazia parte dela o controle de preços sob diversos produtos, cuja jurisdição esteve a cargo da Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB). A pouca estrutura em recursos disponíveis, humanos e econômicos, deste órgão impossibilitava uma ação mais rígida no sentido de fazer cumprir essa política, fato que, sobretudo no período acentuado da crise dos anos 80, gerava insatisfação da população pelo não cumprimento da lei, pois os comerciantes para fugirem da corrosão dos valores pela inflação estavam sempre aumentando seus preços, sem o prévio acordo com o governo, pois a falta de ação do órgão controlador assim o permitia. Vale ressaltar que esta política de controle dos preços prevaleceu até finais dos anos 80, quando na administração Collor se inicia a retirada intervencionista do governo na economia, com a abertura gradativa de mercados.

⁵⁵ Um leitor do Correio de Uberlândia, após ter lido um artigo intitulado "SUNAB insiste no pão a 1,00" escreve para o redator do informativo, Sérgio Martinelli, com o intuito de saber onde era a sede da Sunab em Uberlândia, e se ela existia, porque não fazia cumprir a lei do tabelamento? Segundo o leitor, ele morava em Uberlândia havia pouco tempo e os preços cobrados pelos comerciantes chegavam a ser uma afronta, um roubo, sem punição e afirma: "uma grande cidade, para ser realmente grande é preciso proteger seus municípios contra os ladrões do povo e não é o que ocorre em "UBERCITY".

"Uberlândia, 07/08/1980. Sr Sérgio Martinelli". **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 14/08/ 1980, p.06.

instabilidade das suas taxas mensais, e crescimento do endividamento do país. Em 1972, a taxa anual de inflação medida foi de 15,5%, em 1974, ela se eleva para 34,5%. Em 1977, resultado de um período de dois anos de austeridade, onde o governo adotou uma política de contenção da demanda e repressão aos preços públicos, a inflação anual alcançou em dezembro, a taxa de 38,7%. A partir de 1980, já no governo Figueredo, a inflação passa a ordem de 40%. A política econômica brasileira sofria agora os reflexos da duplicação dos preços do petróleo e a elevação das taxas de juros internacionais⁵⁶.

Os reflexos dessa taxa de inflação nas condições de vida podem ser percebidas nas oscilações de preços dos produtos controlados pelo governo e de serviços públicos. Neles, o transporte urbano é um indicador da correlação negativa entre preços e salários. Prova disto é que no ano de 1981, já no primeiro semestre, o valor da passagem do ônibus coletivo urbano, em Uberlândia, teve seu preço duplicado: *“em abril o passe normal de 10,00 passa para 14,00 (...), o passe escolar de 6,00 passa para 9,00. No mês de julho, os usuários estarão pagando a passagem a Cr\$ 20,00”*⁵⁷.

No governo Zaire Rezende o custo de vida não foi diferente, os preços estavam em constante aumento, isto porque a conjuntura econômica em que o país se encontrava ainda permanecia instável. Foi no período da administração Zaire que o país promoveu várias mudanças na conduta da economia tendo inclusive implantado vários planos econômicos em busca da estabilização (PLANO CRUZADO/PLANO BRESSER/PLANO VERÃO)⁵⁸. Contudo, essas políticas não obtiveram o sucesso desejado. Assim, tanto na administração Virgílio quanto na de Zaire o controle dos preços e os constantes aumentos estiveram alheios aos próprios interesses locais, visto que se tratava de um problema conjuntural em que o país se achava mergulhado. No período em que a Presidência da República foi

⁵⁶ Sobre a política econômica dos anos 70 e 80 no Brasil, consultar: CARNEIRO, Dionísio Dias. "Crise e Esperança: 1974 – 1980" e, CARNEIRO Dionísio Dias e MODIANO, Eduardo. "Ajuste externo e desequilíbrio interno: 1980-1984". In: ABREU, Marcelo de Paiva (Org.). **A Ordem do Progresso**; cem anos de política econômica republicana 1889 – 1989. Rio de Janeiro, Campus, 1992.

⁵⁷ "Passagem de ônibus urbanos vão custar um pouco mais". **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09/04/1981, p.01.

"Passagem de ônibus fica mais cara na Segunda-feira". **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 11/07/1981, p.01.

⁵⁸ "Sobre a política econômica da segunda metade dos anos 80, ver: MODIANO, Eduardo. "A ópera dos três cruzados: 1985 – 1989". In: ABREU, Marcelo de Paiva. Op. Cit., pp 347-384.

ocupada por José Sarney, a política econômica impôs consecutivos aumentos nas tarifas e serviços públicos transformando-os em principal vilão para o descontrole dos preços. Em Uberlândia não poderia ser diferente, conforme se observa nos dados divulgados pelo Centro de Documento e Pesquisa Sócio Econômica da UFU. Tendo como base os levantamentos efetuados em maio de 1987, verificou-se significativo aumento no custo de vida na cidade, sendo que os maiores aumentos foram constatados nos serviços e tarifas públicas: energia elétrica 56,43%, IPVA 51,76%, transporte 40%. Volto a frisar que esses significativos aumentos nos serviços públicos ocorreram em virtude de mudança na conduta econômica do governo Sarney, uma vez que os preços públicos se encontravam defasados em virtude da postura praticada no governo anterior (João Batista Figueredo), que foi retraindo e segurando os aumentos nos serviços e tarifas públicas, com objetivo de impedir a explosão inflacionária. Com isto, reforço a tese de que a conjuntura econômica e política, em ambas as administrações, foi fator preponderante para o descontrole dos preços. Assim, a administração pública municipal, no contexto do aumento do custo de vida, teve a sua ação limitada, uma vez que se tratava de um problema ligado à conjuntura nacional e internacional.

A poluição ambiental foi alvo de reclamações, no período que compreende as duas administrações municipais estudadas. Os reclamantes buscavam um compromisso maior das autoridades diante dos problemas apresentados, tais como: poluição do rio Uberabinha, indústrias que poluíam o ar e o sossego dos moradores das ruas José Alves Garcia, José Rezende Santos, Av. João Pinheiro e a Av. Brasil. No caso das indústrias poluidoras, apelavam para a administração promover a transferência de uma indústria recém instalada naquele local⁵⁹ para o distrito industrial, o mais rápido possível. Já os moradores da Monsenhor Eduardo reclamavam do barulho provocado pelos trens da Ferrovia Paulista S/A (FEPASA), ressaltando, no entanto, uma observação: eles não procuravam com esta reclamação a extinção dos postos de serviços, pois as manobras feitas pela FEPASA

⁵⁹ Na nota onde relata o desagravo da população quanto a poluição provocada por esta recém instalada indústria, a reportagem não relata o nome da mesma.

“Câmara Municipal recebe abaixo-assinado”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 25/11/1980, p.05.

faziam parte do progresso; queriam somente a mudança de horário das manobras, para que estas não prejudicassem o horário de repouso das famílias.

No governo Zaire Rezende, as reclamações dos moradores da Monsenhor Eduardo continuaram; tiveram apoio do Conselho de Entidades Comunitárias e Associações de Moradores, que promoveram atos públicos. Devido ao volume das reivindicações, eles conseguiram a promessa da retirada dos trilhos. No entanto, durante todo o ano de 1985 foram feitas negociações entre a Prefeitura, FEPASA e o Centro de Exportações do Triângulo Mineiro (CETRIM) para a resolução do problema, mas sem nenhuma participação popular: o que estava em questão eram as despesas para as mudanças.⁶⁰ Para evitá-las, procuravam formas alternativas, de modo que não fosse necessário efetivar a retirada dos trilhos. Várias propostas foram estudadas, sendo que, aos olhos dos negociadores, a melhor delas não saciava os interesses dos moradores: a descarga regular de 22:00 h às 4:00 h da manhã, justamente no horário de descanso dos mesmos. Esta postura fez com que os moradores se organizassem e fossem às ruas para protestar contra essa proposta. Ora, se os moradores reclamavam do barulho provocado pelos trilhos como explicar tal acordo? Se se tratava, supostamente, de um governo voltado para o bem estar social, ficava evidente a falta de compromisso para com a população. De um lado, porque em se tratando de um governo onde as questões eram resolvidas “democraticamente”, os maiores interessados não se faziam presentes nas decisões. De outro, ao se submeter aos jogos dos interesses econômicos, admitindo tal proposta, relegava a plano de menor importância a questão dos moradores, ficando evidente a ação governamental voltada, prioritariamente, para sanar os problemas da classe donimante.

Em relação a limpeza urbana, problemas com o lixo, com o mato, abandono de certas áreas, foram, sem dúvida, fatores que desencadearam reclamações em diversas regiões da grande Uberlândia. No período da administração Virgílio Galassi, moradores reclamavam dos terrenos baldios, abandonados pelos seus donos. O mato crescia e isto trazia para cidade conseqüências com o acúmulo de destroços, lixos, que provocavam danos à saúde do cidadão uberlandense. Foram feitas várias reuniões entre prefeito e vereadores para traçarem estratégias sobre como solucionar o problema dos terrenos

⁶⁰ “Moradores protestam contra os trilhos da FEPASA”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 03/10/1985, p.02.

baldios, sua conservação, limpeza e manutenção por parte dos proprietários, mas pouco se fez e o problema continuou. Havia um número grande de terrenos baldios na cidade. A questão da limpeza urbana reproduzia a hierarquia característica do espaço em uma sociedade que se pautava pela concentração da riqueza.

Moradores de alguns bairros periféricos reclamavam do descaso da administração em relação às praças e ruas, entregues ao mato. Este era um cenário não condizente com a beleza arquitetônica da cidade, dando impressão de completo abandono e total desmazelo. Abandono poderia até existir em locais diversos, mas podemos observar, no decorrer da pesquisa, que uma boa parte da cidade era abastecida de higiene e controle do lixo, principalmente nos bairros mais centrais, como também naqueles onde residiam os mais abastados:

“O serviço de limpeza que vem sendo comandado pelo vereador Orestes Cláudio Fernandes, está dando novo aspecto à cidade em especial nos bairros onde existem lindas e majestosas residências. (...) Foram realizados limpeza e capina em terrenos da Av. Rondon Pacheco e dos bairros Lídice e Altamira, capinas do meio fio das ruas e avenidas”⁶¹.

No período da administração Zaire Rezende não foi muito diferente; o problema do lixo foi alvo de críticas e reclamações. Os moradores pediam atitudes que melhorassem a prestação de serviços referente a limpeza urbana. A própria administração questionava o processo e os trabalhos executados no setor de limpeza urbana, visto que o sistema não alcançava de forma eficiente e completa toda a cidade, fato que possibilitava crítica e reclamações por parte da população e de seus adversários. Em contrapartida, a administração devolvia para a população a responsabilidade do problema, alegando que em vários pontos da cidade havia a proliferação e acúmulo de lixo em terrenos baldios, e até mesmo em canteiros centrais de avenidas, como resultante da pouca educação dos moradores dos bairros periféricos, justificando, assim, sua inércia. É fato que a educação contribui para a conservação da cidade; entretanto para democratizar este setor faz-se necessário que a administração pública o priorize. As campanhas de conscientização na imprensa local e, sobretudo, o compromisso do setor público em manter a cidade limpa, o

⁶¹ “Limpeza da novo aspecto à cidade”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 13/03//1981, p.01.

que dependia do recolhimento regular do lixo da cidade, eram ações pontuais que poderiam contribuir para amenizar a situação. Em suma, se foi vinculado ao problema da sujeira a questão educacional, cabia ao setor público procurar reeducar a população de modo a suprir tal deficiência.

Para apresentar um visual limpo e melhorar o aspecto da cidade em seus 99 anos, foi elaborado um projeto de limpeza dos bairros que se intitulou “mutirão da limpeza”, que foi realizado em duas etapas, por quatro frentes de trabalho formadas por duas equipes: uma para recolher entulhos e a outra para fazer serviço de capina e roçagem nos pequenos e grandes lotes, nos passeios públicos e meios-fios e a operação de tapa-buraco de ruas pavimentadas ou não. Além da limpeza feita nos bairros, fez parte do projeto campanhas educativas, através da distribuição de cartilhas e panfletos explicativos, no sentido de se manter a limpeza urbana. Vários bairros foram atendidos entre eles: Roosevelt, Tabajaras, Industrial, Jardim Brasília, Daniel Fonseca, Rezende Junqueira, Cruzeiro do Sul, Segismundo Pereira, Santa Luzia e outros.

Mesmo com todo este aparato, o governo Zaire Rezende não conseguiu convencer a população que o problema do lixo e do mato, que tomou conta da cidade, em breve seria controlado. As reclamações continuaram. Um governo, dito democrático, já não conseguia atender de forma real alguns apelos advindos da comunidade, em especial a questão do lixo. Segundo o vereador Eurípedes Barsanulfo de Barros, líder do PFL, o que Uberlândia precisava era de um serviço de limpeza urbana eficiente, e não este sistema de limpeza, roçagem e capina, pois não era o suficiente para deixar a cidade limpa do mato e destroços: *“Uberlândia deixou de ser cidade jardim para a cidade capim (...) é preciso que a cidade tenha seu aspecto melhorado com a administração pública fazendo a capina e roçagem de maneira objetiva”*⁶².

É importante observarmos que em todo o período estudado o problema do lixo perdurou. Percebe-se, porém, que o governo Zaire foi alvo das críticas mais ferrenhas da imprensa escrita local e as reclamações foram ficando mais frequentes no final de seu mandato. Vejamos um exemplo:

“Uberlândia que sempre se primou pela beleza urbana, que sempre teve orgulho de suas vias públicas limpas, hoje vê com

⁶² “Críticas no sistema de limpeza”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 23 /05/1987, p.03.

tristeza o lixo se amontoar pelas ruas sem pedir licença ou qualquer imposto por ocupação indébita. A paciência que a população tem demonstrado em ensacar seu próprio lixo e mantê-lo em local adequado não tem encontrado respaldo, pois onde colocá-lo se este lugar apropriado não existe, ou será que o mesmo foi desapropriado? Ora, nos bairros a situação não é menos pior, cada casa com seus amontoados de pacotes, sacos, badulaques.

*E as praças? Sérgio Pacheco, Tubal Vilela, Clarimundo Carneiro e todos os recantos verdes de nossa cidade? Sabemos que esforços tem sido feitos, porém paliativos não são soluções eficazes. Há de haver uma saída para essa desenfreada situação do lixo no lixo. Senão daqui a alguns dias sentiremos saudades dos tempos de outrora: Uberlândia linda e respeitavelmente limpa”.*⁶³

O setor de transporte, em uma cidade em ascensão como Uberlândia, era também uma das áreas onde se podia perceber as contradições do discurso desenvolvimentista. A cidade sofria com a falta de estrutura da frota que não conseguia atender, de maneira eficiente e humana, toda a demanda de ônibus em todos os bairros da cidade. Associado a essa escassez estava a questão da qualidade da mesma, colocando em circulação veículos em péssimas condições. Fato contraditório com a própria política de valorização da cidade, que procurava colocar Uberlândia como um lugar ideal para os negócios, uma cidade sem problemas. Quando o que de fato ocorria eram as mais variadas deficiências estruturais, que eram camufladas no interior da própria sociedade local. Usuários de transporte coletivo reivindicavam, no período de Virgílio Galassi, a construção de abrigos nos pontos em locais como a praça Clarimundo Carneiro, onde o número de pessoas que ali ficavam a espera de outros ônibus era grande, ficando ao relento, expostas às mudanças climáticas. Um outro fator crítico era o aumento das passagens que só beneficiavam os donos das empresas de transportes, pois estes aumentos, que às vezes eram justificados como necessários para melhoria da frota e para aquisição de novos ônibus, nem sempre eram revertidos para estes fins.

⁶³ “Era uma vez uma cidade limpa”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/10/1987, p.01.

No governo Zaire Rezende, a administração do transporte coletivo passou a ser um problema a ser resolvido com o envolvimento da comunidade beneficiária, ouvindo os seus representantes (Associações de Bairros). Diante deste envolvimento da sociedade, percebeu-se significativa deficiência no setor. Muitos bairros careciam de linhas de ônibus para atendê-los. Objetivando amenizar o problema abriu-se concorrência pública para concessão do direito a outras empresas explorarem o transporte público municipal. Desta forma, ampliavam o benefício do transporte coletivo a outros bairros e acabavam com o monopólio no setor. Foi acordado, no processo da concorrência, que a TrancoL ficaria com 65% da concessão, não se tornando mais a única empresa a prestar o serviço de transporte coletivo para o município. Na partilha dos trajetos coube à nova empresa, Nacional Expresso, que se instalaria com 35% da concessão, a exploração das linhas do setor leste da cidade, que se resumiu ao Conjunto Alvorada até a região da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica, permanecendo com a Transcol o direito de exploração das demais regiões da cidade. Alguns moradores, que usufruíram dos serviços do Nacional Expresso, no período experimental, chegaram a reivindicar a presença desta empresa, pois consideravam os serviços prestados pela nova empresa superiores aos serviços da empresa que os atendia.⁶⁴ A democracia apregoada pela administração, mais uma vez demonstrava a sua ausência, na medida que limitava o direito à exploração do transporte coletivo na cidade, inibindo a presença de outras empresas no sistema e nas linhas dos coletivos, atendendo àqueles que de fato lhes interessava. Fato que reforça a tese de que a suposta “democracia participativa” de fato não houve, pois o governo limitou-se aos interesses da classe dominante. A presença de duas empresas no serviço de transporte coletivo não significou uma mudança no monopólio até então existente, uma vez que as mesmas dividiram entre si o mercado e passaram a reivindicar, em conjunto, aumento de tarifas.

Como vemos, esta Uberlândia estava aos poucos cedendo lugar à uma cidade envolta no progresso e crescimento, mas neste desenvolvimento estava presente não só nas grandes fábricas, nos edifícios modernos, entre outros, mas também nos conflitos sociais. Problemas eram identificados nos mais variados setores: segurança, violência, saúde pública, educação, saneamento básico, mostrando que o desenvolvimento tinha seus limites e estes eram dados pela própria estrutura capitalista na qual a cidade estava

⁶⁴ “Definido o problema da linha de ônibus”. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 19/02/1987, p.01.

mergulhada. Talvez a segurança explicita melhor essa situação. Ela foi um fator de preocupação em ambas as administrações; no entanto, pouco se fez na busca de alternativas que viessem a dirimir o problema. Na verdade, a cidade estava crescendo, e muito, e como consequência a estrutura voltada para a segurança não suportava esse acentuado e acelerado processo. O policiamento existente na cidade tornou-se ineficaz e insuficiente diante da onda de assaltos que crescia a cada dia. O número de policiais da cidade não atendia a todos e, assim, o índice de assaltos e crimes bárbaros cresceu assustadoramente. O desenvolvimento da cidade trouxe consigo o crescimento, tecnologias, empresas, melhor qualidade de vida e, ao mesmo tempo, crimes, assaltos, violência. A satisfação pessoal de ser, ter e poder, no entanto, esbarrava na divisão social e, com isto, as relações se tornaram cada vez mais conflitantes. Alguns eram possuidores de uma riqueza inigualável e muitos vivendo para sua própria subsistência, até mesmo em estado de miséria. O poder municipal reconhecia essa contradição. Para Zaire Rezende, os *“problemas com a segurança pública não competem apenas ao município e ao Estado, sobretudo porque o aumento da violência urbana é reflexo da situação calamitosa que o país atravessa, ditada por um autoritarismo político institucional e por uma elevada concentração das riquezas em poucas mãos”*⁶⁵. Portanto, a solução para esta questão, e tantas outras pontuadas anteriormente, não estava nos horizontes.

⁶⁵ “Prefeito sugere estudo sobre a violência em Uberlândia”. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia 11/04/1984, p.01.

3.2 - Ideologia do Trabalho e Higienização

O pragmatismo político havia instituído na mentalidade do cidadão uberlandense a não existência de conflitos sociais; entretanto, com o crescimento da cidade uma série de problemas vêm à tona. Para os políticos locais, esses problemas não deveriam surgir tão instantaneamente ao crescimento, uma vez que a cidade tinha infra-estrutura para superá-los e se encontrava preparada para o futuro. Porém, o desenvolvimento apenas contribuiu para mostrar a verdadeira face de Uberlândia, visto que as deficiências da cidade eram acobertadas pelo discurso, de tal forma que deixava implícito no seio da sociedade que Uberlândia era de fato uma cidade modelo para o país. É verdade que a cidade de Uberlândia podia ser um exemplo para o Brasil, apresentando uma estrutura (saneamento básico, esgoto, asfalto, água, energia etc...) bem superior à das demais cidades brasileiras, porém ainda se encontrava muito distante de se tornar uma cidade “nos níveis das cidades do mundo desenvolvido capitalista”, como almejavam seus políticos.

Em Uberlândia, o trabalhador foi vinculado ao crescimento e ao progresso da cidade. As virtudes do trabalhador (honesto, laborioso e ordeiro) estavam presentes no discurso da classe dominante, estimulando uma sociedade fundamentada no trabalho. A cidade só havia se transformado em um pólo de desenvolvimento devido a postura de sua população, isto é, uma sociedade, inclusive a classe operária, afinada com os interesses da burguesia. A historiadora Jane de Fátima Rodrigues em sua obra “Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense”, em seu 2º capítulo- O discurso da construção social: Ordem e Progresso – avalia os pressupostos que estão na base da constituição da sociedade em Uberlândia, afirmando que:

“Sob o discurso da ordem, do progresso e da racionalização, organizaram-se os fundamentos básicos da sociedade uberlandense, baseados no trabalho, na disciplina e na subordinação dos espaços da produção. O poder disciplinador, ao perpassar por toda a

sociedade uberlandense, procuraria definir o lugar de cada um no processo da produção e no social. Ao lado da construção ideológica de uma sociedade voltada para a produção material, percebe-se também o discurso da obediência e da harmonia, como fatores imprescindíveis para o desenvolvimento”⁶⁶.

Contudo, ao se conduzir o trabalho como forma dinamizadora da sociedade, e mais, como meio de ascensão pessoal, percebe-se, porém, a reprovação de seu oposto, ou seja, a mendicância, a vadiagem, o ócio. O discurso do poder político e da classe burguesa dominante, difundido pela imprensa local, condenava qualquer forma de ociosidade. Para ele, a mendicância, como a vadiagem, era um mal que atrelava a sociedade à inércia, como também uma afronta para a pessoa do trabalhador.

Os setores dominantes utilizaram não apenas do discurso, como também do poder, da violência, do preconceito, buscando eliminar o mau, (a mendicância, o ócio) por não ser uma realidade condizente com as condições que a cidade de Uberlândia oferecia. Na concepção da cidade feita pelo discurso há uma oferta relativa de emprego para aqueles que o desejassem e queriam adquirir riqueza, ter uma posição digna de se viver. Em suma, o trabalho era visto como a fonte e o caminho da vida, e essa condição básica era oferecida. Portanto, só não estavam empregados aqueles que realmente não o queriam. E todos os que não se enquadravam nessa perspectiva aspirada pelo poder local eram marginalizados: os “vagabundos”.

A atuação da administração pública, em conjunto com a Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (ICASU), era aplaudida no seio da sociedade, principalmente pela imprensa, enaltecendo a assistência dada a estas pessoas, consideradas marginais. Na Revista Veja de 1987, o artigo intitulado “Crise à distância” nos dá um panorama acerca da mendicância, dos menores de rua, da vadiagem e do ócio. Este artigo procura colocar Uberlândia como uma cidade onde os problemas sociais eram insignificantes, porque aqui os extremos não preocupavam. Assim, tanto a concentração de riquezas era irrelevante, pois os milionários eram poucos e todos os conheciam, como a miséria era insignificante. Enfim, uma cidade em que o problema da distribuição da riqueza, contrariando a situação nacional, basicamente não existia:

⁶⁶ RODRIGUES, Jane de Fátima. Op. Cit., p.47.

“Da mesma forma que se conhece todos os seus milionários que têm mais de 1 milhão de dólares, boa parte da população de Uberlândia conhece pelo nome ou apelido os seus cinco ou seis mendigos resistentes, que não aceitam trabalho e preferem viver de esmola, apesar de todo empenho em contrário das autoridades que cuidam da assistência aos pobres. Esses não se emendam, afirma o vereador Antônio Naves, do PMDB, presidente da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (ICASU), entidade de filantropia mantida com doações de 1.000 contribuintes regulares.

A ICASU dá assistência a famílias carentes da localidade, arruma emprego para menores cujos pais não podem trabalhar e manda de volta para suas cidades os mendigos que aparecem em Uberlândia em busca de esmolas. Nesses trabalho, a ICASU age como quem resolve pintar uma parede que tem infiltração, para escondê-las. Duas kombi da entidade circulam pelas ruas à cata de mendigos que porventura escaparam da triagem feita regularmente na rodoviária pela prefeitura. Encontrado esmolando, o indigente é levado para a sede da ICASU, ganha uma refeição, uma passagem rodoviária e uma escolta até o ônibus que o levará de volta a seu lugar de origem. Esses expatriados, no entanto, retornam na primeira oportunidade, e o problema é que as levas que chegam e saem aumentam cada vez mais”⁶⁷.

Percebe-se um impulso desenfreado de higienizar a sociedade uberlandense, mesmo que este venha atrelado a atitudes de extrema impetuosidade. Aqueles que não se enquadram na forma laboriosa de ser de seus habitantes, seja pela falta de perfil para os empregos oferecidos, ou pela negação deste modelo, centrado no trabalho e na ordem, eram discriminados. O fato é que, os políticos locais não conseguiram fazer do discurso um fato concreto, dado que muitos cidadãos, residentes na cidade, foram à procura de seu espaço no mercado de trabalho e não conseguiram se encaixar em uma das vagas

⁶⁷ “Crise a distância: uma cidade sem mendigos”. VEJA, p.69.

oferecidas no “vasto” campo de empregos por eles proclamados. Para não desmoronar o discurso moral em prol do trabalho, tornou-se de extrema urgência e importância, para a elite dirigente, a não proliferação da mendicância, que, para tanto, foi combatida através da força, da violência, da repressão e do preconceito. Essa elite se achava responsável e no direito de decidir quem poderia ficar na cidade e quem deveria retornar à sua origem: em síntese, ignoraram o próprio direito do cidadão de liberdade de escolha, infringindo o lema “*Minas Libertas que serás tamém*”. O preconceito aos olhos de Agnes Heller, mata, *“impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativas do indivíduo”*⁶⁸.

Uberlândia estava distante de ser uma cidade onde os problemas não existiam, sobretudo os de ordem social, porém lhe faltava humildade para assumí-los e enfrentá-los com coragem e determinação para que pudessem ser vencidos. Na verdade, o que faltava, e ainda falta, é a conscientização de seu povo de que Uberlândia é uma cidade digna sim, porém caracterizada pelos mesmos problemas que envolvem as outras cidades brasileiras. O slogan atribuído a Uberlândia na década de 80 - “Uberlândia, uma cidade progressista, humanitária e aberta para “TODOS”” - não poderia ser concretizado em uma sociedade que se caracteriza pelos privilégios, pela concentração da riqueza e pela exclusão social dos menos favorecidos.

⁶⁸ HELLER, Agnes. “Sobre os preconceitos”. In: **Cotidiano e a História**. São Paulo. Paz e Terra, 1985.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O progresso assola esta cidade.
A imigração interna bate à porta
Colhida certa! Com igualdade.
Para a luta do dia-a-dia
Que a vida exige e irradia
Busca de uma estabilidade (...)"*.⁶⁹

Uberlândia, uma cidade situada no Triângulo Mineiro, se constituiu, desde sua origem, como um “modelo” dentro do desenvolvimento capitalista brasileiro. Aqui os homens encontraram um mercado de trabalho em expansão, estabeleceram-se e criaram riquezas. As relações sociais, que foram se estruturando, consolidaram a cidade como um exemplo de racionalização e dominação.⁷⁰ Pautada sobre a ação e o discurso do governo municipal e da burguesia local, a meta a ser alcançada era o desenvolvimento.

Para que a cidade aos poucos fosse se destacando no cenário local e nacional, ou até mesmo internacional, as administrações municipais, nos últimos anos, traçaram seus projetos de governo, procurando inculcar nela conceitos voltados para a necessidade do desenvolvimento como sinônimo de melhores condições de vida. Isto fica implícito nas falas dos empresários, no momento em que idealizaram a imagem da cidade progresso, projetando eles mesmos como sujeitos do desenvolvimento. Isto é, todos que aqui viessem com coragem, arrojo e determinação, estariam contribuindo não apenas para o crescimento da cidade, como também para o seu próprio enriquecimento.

Em nome do progresso e da modernidade inúmeras foram as realizações nas décadas de 70 e 80, nos diversos setores sociais: educação, serviços públicos, comércio,

⁶⁹ “Uberlândia City”. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 23-24/05/1981, p.02.

⁷⁰ “ALÉM, João Marcos. “Representações Coletivas e História Política em Uberlândia”. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia, nº 4, jan/jun, 1991, pp.79-102.

infra-estrutura, dentre outros. Construiu-se uma “nova” postura nas relações entre o poder público e a população.

Virgílio Galassi, como vimos, construiu sua administração (1977/1982) através de obras faraônicas – avenidas, pontes, o Estádio Municipal “João Havelange” entre outras – com isto, almejando tornar a cidade de Uberlândia um grande centro de desenvolvimento. Um homem que, segundo ele próprio, pensava, e pensa, no futuro, levando a quatro ventos o nome de Uberlândia e seu progresso. A presença dele como gestor do município, por quatro vezes, possibilitou a consolidação dessa política desenvolvimentista, mesclada com uma postura paternalista, ratificando o poder vigente enquanto “propagador” de uma ideologia de dominação.

Em 1982, Zaire Rezende, um candidato supostamente de esquerda (PMDB), tornou-se o novo Prefeito da cidade, talvez como voto de protesto às políticas que até então prevaleciam na gestão do município. Inicia-se então uma política de abertura aos movimentos populares, procurando obter respaldo político da população através de pequenas obras, de significativo efeito econômico-social. Essa administração se intitulou “Democracia Participativa”, cujo princípio era a busca da participação de todas os segmentos sociais, neles inseridos as entidades das classes patronais e de trabalhadores. O diálogo permanente tinha o intuito de promover debates e discursões acerca das necessidades mais prementes do município.

Durante o seu governo, diversas obras foram sendo realizadas, sobretudo as que objetivavam amenizar a carência social da população, dentre as quais destaca-se a criação de creches, escolas, pólos esportivos, praças, centros de saúde, incentivos ao surgimento de novas empresas, continuação das obras iniciados no governo anterior. Esta preocupação social humanista e de uma política "igualitária" tinha como objetivo básico melhorar a condição de viver na cidade de Uberlândia, principalmente nos bairros periféricos, onde a infra estrutura estava aquém das condições necessárias.

Contudo, muito embora o discurso político, na década de 80, destacasse a ausência de crises em Uberlândia, conclui-se que, mesmo sendo uma cidade administrada por políticos de pensamentos, ideais e condutas distintas, eles não conseguiram controlar situações criadas pelo próprio capitalismo, como o desemprego, os andarilhos, os mendigos, os meninos abandonados, vendedores ambulantes, a concentração de renda, dentre outros. Enfim, este discurso de uma cidade alheia aos problemas nacionais,

progressista, humana e “aberta para todos”, não passava de um modelo voltado para o controle de opiniões e a criação de uma cidade idealizada, “quase utópica”.

Aos empresários coubera um papel relevante no desenvolvimento da cidade, seja por meio da arrecadação de impostos, que eram revertidos à população através das obras e benefícios, seja na “divisão” da riqueza, através da geração de empregos. Para a classe empresarial, Uberlândia era um oásis em meio ao Brasil, pois nela as condições para se instalar os negócios eram propícias, dado a sua estrutura superior à da grande maioria das cidades brasileiras. Com isto, dirimiam-se os riscos para os investimentos e a garantia dos lucros era mais evidente. A preferência do empresariado pelo administrador Virgílio Galassi é notável, e atribuem a ele uma boa parte do crescimento da cidade.

Conclui-se que empresários e administração municipal foram, assim, porta-vozes de um mesmo discurso capitalista dominante, e aos poucos transformaram-no em causa social, fazendo com que todos assumissem para si o discurso da classe dominante constituída. Os empresários e políticos ficavam com a glória do desenvolvimento, enquanto grande parte da população, a classe trabalhadora, à esperança de um futuro melhor, eram renegados a meros espectadores da façanha do desenvolvimentismo.

Contudo, o discurso impregnou a sociedade local, onde a “vontade de crescer”, passou a ser sinônimo do “dinamismo que está em cada uberlandense”, motivo pelo qual todos foram levados a serem responsáveis pelo crescimento e progresso da cidade. Porém, o distanciamento entre o discurso e a realidade efetiva da cidade se fez presente.

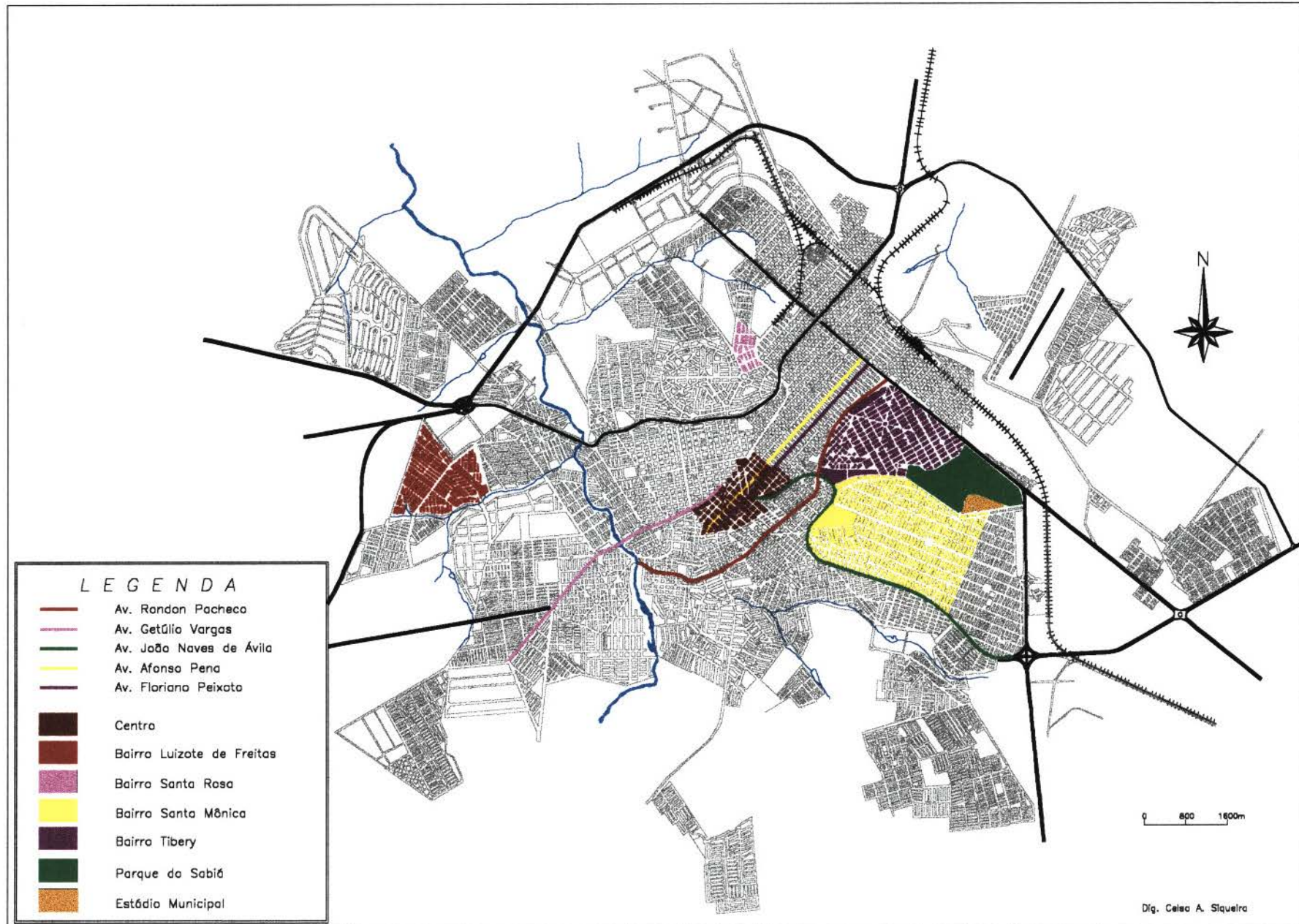
Uberlândia, uma “cidade jardim”. Não se pode negar ser esta cidade bem cuidada e até mesmo um “exemplo”. Entretanto, sua população sofre com a poluição ambiental (provocada pelas indústrias), com uma limpeza urbana inadequada, com um sistema de transporte ineficiente e, às vezes, para muitos impróprio, com a violência que a cada dia está mais presente, um corpo militar reduzido e mal treinado para garantir a segurança da cidade.

O crescimento da cidade esteve sempre vinculado a figura de seus moradores, como sendo cidadãos trabalhadores, honestos, laboriosos e ordeiros. Entretanto, estes foram adjetivos incapazes de evitar a proliferação de mendigos e “vadios” no seio da sociedade uberlandense, regida por um regime capitalista onde o poder e a renda estavam cada vez mais concentrados.

Conclui-se, enfim, que a fala dos políticos locais procurou destacar Uberlândia como sendo uma cidade harmônica, que cultuava valores morais, progressista, onde governo e povo caminhavam na mesma direção, isto é, para o crescimento/desenvolvimento. Porém, este modelo pautado na dualidade governo/povo contribuiu para a proliferação da miséria, porque de um lado, aos olhos dos políticos locais, a cidade estava alheia e distante dos problemas, sejam de ordem social e/ou econômica e, de outro, porque a sociedade local esteve de certa forma alienada, não percebendo as deficiências da cidade e não exigindo providências.

Uberlândia, é de fato, uma cidade em franco crescimento, onde se pode morar com certa qualidade de vida, onde sua infra-estrutura (saneamento básico, esgoto, água, energia, e outros) se apresentava, e continua a apresentar, índices superiores à média das grandes cidades brasileiras; porém não se pode considerá-la distante das crises do desenvolvimento, como propõe a elite uberlandense.

ANEXO 1: UBERLÂNDIA – ÁREA URBANA – 1998



FONTES

1 - JORNAIS

- Correio de Uberlândia. Uberlândia - 1977 a 1988.
- Primeira Hora. Uberlândia - 1985.
- Triângulo. Uberlândia - 1986 e 1988.
- "A Notícia". Uberlândia - 1980.

2 - REVISTAS

- Veja. São Paulo: Abril, 12/11/1987.
- Minas Gerais em Exame. São Paulo: Abril, 08/04/1998.
- Flash. Uberlândia: Sabe - Suplemento Especial, 1986.
 - Nº 05. Abril, 1988.
 - Nº 10. Setembro, 1988.
 - Nº 11. Outubro, 1988.
 - Nº 14. Janeiro, 1989.

3 - OUTROS

- PREFEITURA MUNICIPAL. Secretaria Municipal de Planejamento. Banco de Dados Integrados; Uberlândia/MG. 3 VOL., 1995.
- PREFEITURA MUNICIPAL. Boletim Informativo da Assessoria Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Ano I, II e III. Maio/1984 a Março/1987.
- PREFEITURA MUNICIPAL. Democracia Participativa. Administração Zaire Rezende (Programa do Partido Político do PMDB para as eleições de 1982). Uberlândia, Sabe. s/d.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – ALÉM, João Marcos. “Representações Coletivas e História Política em Uberlândia”.
In: **História e Perspectivas**. Uberlândia, nº 4, jan./jun., 1991, pp. 79-102.
- 2 – ALVARENGA, Nísia Maria. “Movimentos Populares e Poder Local: Uberlândia 1983/88. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia, nº 4, jan./jun., 1991, pp.103-129.
- 3 – BENTO, Maria Aparecida Silva. “Prática Discriminatória e Resistência Negra no local de trabalho”. In: **Caderno do CEAS**. Salvador, Mar./Abr., 1996, nº 162.
- 4 – CARVALHO, Carlos Henrique de. “A Crise Urbana no modelo de desenvolvimento brasileiro: O papel dos seus agentes sociais (1950-1990)”. **Anais**. XI encontro regional de História: História e exclusão social. Uberlândia: UFU/ANPUH-MG, 1998, p.275-6.
- 5 – CARNEIRO, Dionísio Dias. Crise e Esperança: 1974-1980, e
CARNEIRO, Dionísio Dias e MODIANO, Eduardo. Ajuste externo e desequilíbrio interno: 1980-1984. In:
ABREU, Marcelo de Paiva (org.). **A Ordem do Progresso**; cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- 6 – DANTAS, Sandra Mara. “**Uberlândia – terra fértil para novas sementeiras: experiência da Democracia Participativa (1983/1988)**”. Monografia, UFU, Uberlândia, 1996.

- 7 – HELLER, Agnes. “Sobre os Preconceitos”. In: **Cotidiano e a História**. São Paulo. Paz e Terra, 1985, pp. 43-63.
- 8 – MACHADO, Maria Clara Thomaz. “**A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês** : Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)”. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1990.
- 9 – MACHADO, Maria Clara Thomaz. “Muito aquém do paraíso: Ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia, nº 4, jan/jun. 1991, pp.37-77.
- 10- MODIANO, Eduardo. “A Ópera dos três cruzados: 1985-1989”. In:
ABREU, Marcelo de Paiva (Org.). **A Ordem do Progresso**; Cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- 11- MOREIRA, Carlos César. “**A Discriminação Racial do Negro em Uberlândia**”. Monografia, UFU, Uberlândia, 1990.
- 12- MUNANGA, Kabengele. “Identidade, Cidadania e democracia. Algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil”. In:
SPINK, Mary Jane Paris (Org.) e Outros. **A Cidadania em Construção**: uma reflexão transdisciplinar, São Paulo, Cortez, 1994, pp. 177-188.
- 13- PEREIRA, Cires Canísio. “**Democracia Participativa, sua lógica e sua prática**”. Monografia, UFU, Uberlândia, 1988.
- 14- QUEIROZ, Renato da Silva. “**Não vi e não gostei**: O fenômeno do preconceito”. São Paulo. Moderna, 1996.
- 15- RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. “Nas Sendas do Progresso: Trabalho e Disciplina. Uberlândia, Um Percorso Histórico”. In:
Caderno de História Especial. Uberlândia, nº 4, vol. 04, jan. de 1993, pp. 9-16.

- 16- RODRIGUES, Jane de Fátima. **“Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – O setor de serviços 1924 a 1964.** Dissertação de Mestrado, USP, 1989.
- 17- SANTOS, Joel Rufino. **“O que é Racismo”**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- 18- SILVA, Maria Isabel Pereira. **“Aspectos Condicionantes da Ideologia Racista em Uberlândia”**. Monografia, UFU, Uberlândia, 1990.
- 19- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHORY, Yara Maria Aum. **“A pesquisa em História”**. São Paulo, Ática, 1995.
- 20- REZENDE, Zaire. **“A Prática da Democracia Participativa em Uberlândia-MG”**. In: **Democracia feita em casa**. Coordenação de Publicações, Câmara dos Deputados, Brasília-DF, 1984, p. 341.